

Queridas Irmãs,

Quando eu estava no colégio, aprendi a conhecer os mártires da América do Norte. Um dos aspectos que mais me interessou nesta história foi que estes missionários juraram nunca mais voltar para o seu país de origem, já que partiam para as missões. Claramente, suas intenções não estavam centradas nas pessoas e lugares que eles deixavam para trás, mas nas pessoas e lugares que os esperavam. Trata-se de uma poderosa afirmação do que caracteriza um missionário. Ela tem algo a nos dizer também.

Desejo publicamente agradecer ao Padre Gregory por ter me chamado a este serviço. Esta é uma das funções importantes do seu mandato de Superior geral e tive a honra de ter partilhado desta graça. Agradeço também Irmã Evelyne e através dela, todas as Filhas da Caridade, que me iluminaram para a proclamação do Evangelho aos nossos muito amados pobres. Finalmente, quero agradecer ao Padre Bernard Schoepfer por sua disponibilidade em assumir esta função com tanta generosidade. Ele representa para mim, todos os Coirmãos que trabalham com as Irmãs.

Chegando em Paris, a primeira coisa que eu disse às Irmãs na Rue du Bac, foi que eu amava as Filhas da Caridade e repeti esta afirmação várias vezes, em diferentes grupos de Irmãs ao longo desses anos que passei como Diretor geral. Agora que estou deixando esta função posso continuar a repetir esta afirmação por razões ainda maiores.

Minhas Irmãs, escuto o imperioso chamado da missão, mesmo se às vezes, chega de maneira misteriosa. O encorajamento de São Vicente que Santa Luísa aprova com movimento positivo da cabeça, torna-se para nós também uma verdade: “Adoremos a maravilhosa vontade de Deus nesta ação!” Que Deus seja bendito! Qualquer que seja a minha próxima missão, continuarei, direta ou indiretamente, a servir as Filhas da Caridade, não importando a forma ou o lugar. O importante é permanecermos próximos.

Neste período de transição, continuemos a rezar uns pelos outros e pela missão tendo sempre presente os pobres os quais servimos.

Vosso Irmão em São Vicente e Santa Luísa

Padre Patrick J. Griffin, CM

SUMÁRIO MARÇO-ABRIL DE 2014

VIDA ESPIRITUAL

- 74 Carta de 24 de março de 2014
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 76 “Fazer novas todas as coisas”
Conferência de preparação para a Renovação dos Votos (22 e 23 de março de 2014)
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 89 “Por um novo elã missionário”
Assembleia geral de 2015
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

- Nomeações
- 107 Nomeação dos Diretores provinciais
- Testemunho das Irmãs

- 108 Província França Sul
Viver a enfermidade com a Virgem Maria
Irmã Elise Bortheirie, Filha da Caridade
- 117 Província de Cracóvia
Encontro dos Conselhos Provinciais Eslavos (Grupo Bem-aventurada
Irmã Marta Wiecka)
Irmã Monika Dlubacz, Filha da Caridade
- 120 Província San Vicenzo-Itália
Constituição de uma nova Província das Filhas da Caridade
Irmã Patrizia Bin, Filha da Caridade
- 124 Província do Próximo Oriente
Estar a serviço dos jovens em dificuldade em um Colégio egípcio
Irmã Hanane Adib, Filha da Caridade

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Fontes e Atualidades

- 126 Frederico Ozanam e Irmã Rosalie Rendu, um encontro providencial
Irmã Louise Sullivan, Filha da Caridade

VIDA ESPIRITUAL

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 24 de março de 2014

A todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

“Eis que venho Senhor, realizar tua vontade”¹.

A liturgia da missa da Anunciação do Senhor nos oferece esse refrão do salmo, que a carta aos Hebreus coloca nos lábios de Cristo² e o Evangelho de Lucas nos lábios da Virgem Maria:

“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”³

Possa a Renovação dos nossos votos, que teremos a graça de fazer amanhã, nos ancorar ainda mais radicalmente na nossa vocação, no dom de nossa vida que entregamos livremente ao Senhor!

“Ó meu Deus, nós nos damos inteiramente a Vós.

Concedei-nos a graça de viver e morrer numa... verdadeira pobreza;

de viver e morrer castamente... ;

de viver numa perfeita observância da obediência.

*Dando-nos também a Vós, meu Deus,
para honrar e servir durante toda nossa vida, nossos Senhores, os Pobres”⁴.*

Lembremos particularmente das Irmãs idosas e doentes, daquelas que vivem em situações de extrema dificuldade em tantos países, especialmente na Síria. Recentemente, Irmã Françoise Petit e eu tivemos a oportunidade de encontrar, em Beirute, as Irmãs das Comunidades de Damasco. Elas compartilharam conosco o cotidiano de seu serviço dos pobres no hospital e na escola, nas visitas domiciliares, apesar dos bombardeios e da insegurança. Elas reconheceram com simplicidade que vivem na angústia, mas encontram sempre a força de servir e de encorajar aqueles que estão ao seu redor, ultrapassando seus próprios limites. Elas se confiam à Virgem Maria e nos encarregaram de agradecer-lhes por suas orações.

A essas Irmãs e a todas vocês, desejo de todo coração uma excelente festa da Anunciação e reafirmo-lhes minha dedicada afeição, em São Vicente e Santa Luísa,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Notas

¹ Salmo 39, 8-9;

² Cf. Heb 10,7.

³ Lc 1, 38.

⁴ São Vicente, 19 de julho de 1640, IX, 26

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Conferência de preparação para a Renovação dos Votos 22 e 23 de março de 2014

“Fazer novas todas as coisas”

Todos nós sabemos que quando uma nova versão de um produto conhecido chega ao mercado, ela é acompanhada de uma campanha publicitária. Lemos que ele é “novo e melhorado”, que tem “alguma coisa extra”, que é 80% melhor que o antigo produto, que 9 entre 10 especialistas preferem esta nova versão. O produto, frequentemente, está embalado com cores diferentes e mais vibrantes. Algumas vezes, a caixa está num formato diferente, com mais ou menos conteúdo. O vendedor quer ter certeza que nós sabemos que o que estaremos comprando será diferente e melhor do que o que tínhamos. É realmente novo e, então, vale a pena o custo extra.

Quando se reflete sobre o desejo de renovar os votos, deve-se também questionar-se com algumas destas perguntas: estou disposta a ser nova e melhorada? Estou preparada para levar alguma coisa diferente para a missão? Meu compromisso cresceu 80% no último ano? Será que 9 entre 10 das Irmãs percebem a melhora em mim? Estou embalada de maneira diferente este ano, com mais ou menos conteúdo (quero dizer através do crescimento na fé e no carisma e com menos egoísmo, não em peso)? A Companhia realmente quer me usar como modelo para uma Filha da Caridade? Quão nova e aperfeiçoado estou na renovação deste ano? Qual progresso ainda é necessário?

Deixem-me considerar esta questão com vocês, refletindo sobre o significado da renovação dos seus votos. Seleccionarei algumas passagens da Escritura e deixarei as imagens oferecerem sentido para a nossa oração e reflexão. Duas passagens serão dos Evangelhos quando Jesus exorta o povo para a novidade da vida. Uma passagem será tirada dos escritos de São Paulo, um homem que realmente compreendeu o que a renovação pode e deve significar na vida de uma pessoa. Uma passagem será tirada do livro do Apocalipse, olhando com esperança para o fim para o qual todos nós nos preparamos. E no final de minha conferência, considerarei alguns exemplos de pessoas que se tornaram “novas e melhoradas” na maneira como responderam à mensagem do Evangelho.

**“VINHO NOVO EM BARRIS NOVOS”:
RENOVAR A PESSOA INTEIRA**

Um dos provérbios sapienciais de Jesus nos Evangelhos destaca a necessidade do compromisso pessoal para uma pessoa que escolhe mudar sua vida. A pessoa inteira está envolvida. Nós lemos:

“Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arreventam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos e assim os dois se conservam” (Mt 9, 16-17).

Duas imagens são oferecidas aqui. Primeiro, ouvimos que ninguém costura um retalho novo em roupa velha. A razão para isso parece óbvia para muitos de nós - especialmente para aqueles que vêm de um tempo onde a roupa encolhia consideravelmente depois de lavada. Uma roupa velha já teria sido lavada várias vezes e não encolheria mais. Um novo remendo, contudo, iria encolher. Assim, quando este novo remendo é costurado num buraco de uma roupa velha, ele encolherá e fará um buraco ainda maior na roupa.

Situação semelhante com o vinho: um vinho para continuar borbulhante e efervescente precisa de espaço para se expandir e respirar. Um barril velho, contudo, teria endurecido e se ajustado ao seu tamanho. Quando o vinho novo fosse colocado dentro do barril velho, ele o estouraria e tudo estaria perdido. Claramente, deve-se colocar vinho novo em barris novos que estão preparados para receber o novo conteúdo.

Os exemplos no ministério de Jesus de colocar vinhos novos em barris novos são numerosos. Ele oferece exemplos práticos na maneira como os pecadores e os que são marginalizados devem ser tratados. As pessoas acham estes ensinamentos difíceis de escutar porque já têm suas próprias ideias sobre como essas pessoas atingidas pelo pecado devem ser consideradas.

Jesus oferece uma nova orientação sobre a maneira como o descanso do sábado deve ser compreendido e praticado, mas as pessoas acreditam que já sabem tudo sobre o caráter da observância do sábado e então, elas não o escutam.

Jesus estende seu ministério às mulheres, aos samaritanos e aos gentios e as pessoas não conseguem entender este ensinamento. Estas pessoas já tinham concepções bem definidas para suas ideias e não havia espaço para movimento.

Todas estas pessoas são como barris velhos: receber o vinho novo que Jesus oferece seria demais para elas. Ele estouraria sua antiga visão de mundo. O que Ele diz requer uma flexibilidade e abertura que elas não poderiam tolerar.

Até a história do jovem rico, que vai a Jesus perguntar o que ele precisa para ser digno do céu, nos lembra o nosso pensamento já definido (Mc 10, 17-25). Este homem é uma boa pessoa que declara obedecer aos mandamentos como Jesus ensinou. Ele está procurando por um outro retalho para colocar em sua roupa, já pronta, da observância judaica. Quando Jesus lhe diz para vender tudo o que tinha, dar o dinheiro aos pobres e segui-lo, o homem fica cabisbaixo. Não há retalho novo. Agir desta maneira significaria rasgar um imenso buraco no seu pensamento e prática já definidos. Ele não pode colocar a nova roupa que Jesus lhe mostra.

De maneira semelhante, consideremos Nicodemos que vai a Jesus de noite (Jo 3, 1-21). Ele quer escutar, mas ele não está pronto para encaixar o ensinamento de Jesus dentro da estrutura do seu pensamento definido. Um retalho não segurará. Ele teria que estar preparado para uma roupa nova.

Nós podemos ver o que Jesus está fazendo. Aquelles que escolheram segui-lo não podem manter todas as suas antigas maneiras de pensar e agir, e, simplesmente, adicionar seu ensinamento como um remendo em suas vidas. Ele não vai ficar pregado, mas vai causar um buraco maior na maneira de crer e servir.

E nós, Irmãs? Nesta época da renovação, vocês estão prontas para mudar seu guarda-roupa? Estão prontas para testar os limites de seus compromissos? Uma pessoa que quer levar Jesus mais plenamente para sua vida não pode aceitar seu novo e entusiasmante chamado e, depois, tentar encaixá-lo na antiga pessoa com seus preconceitos e padrões. Os ensinamentos irromperão. Jesus convida para uma mudança completa

na vida da pessoa: ele não é um remendo para ser costurado num jeito favorito de pensar; ou um vinho novo que pode ser colocado dentro de um coração velho.

Como você aplicaria este princípio ao seu voto de pobreza?

A que vocês estão tão apegadas que seria difícil para se separarem disso?

Existe um remendo que irá se ajustar neste desejo em sua vida ou vocês são chamadas a uma maneira nova de pensar?

Será que o apelo a uma renovada simplicidade de vida amplia os limites da sua resolução?

“EU SOU A LUZ DO MUNDO”: EXAMINAR TODA A VIDA

Eu gosto de ter uma boa luz. Como muitas pessoas, eu não posso ver bem o que estou fazendo quando o ambiente está escuro. Isso também me deprime. Eu aprecio luz ambiente, mas, de modo geral, eu gosto de luz forte para que eu possa ver o que estou fazendo e onde.

A luz é uma das imagens centrais que emerge do Evangelho de João. Ela é encontrada no prólogo do primeiro capítulo e em vários lugares depois. No ano passado, nós recebemos do Santo Padre uma encíclica que nos convida a pensar sobre a luz da fé (*Lumen Fidei*) e no Cristo como a luz central de nossa fé. No coração deste ensinamento está a própria instrução de Jesus:

“Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas possuirá a luz da vida” (Jo 8, 12).

Este ensinamento recebe um esclarecimento posterior dado por Jesus no Evangelho:

“A luz ainda estará no meio de vocês por um pouco de tempo. Procurem caminhar enquanto vocês têm a luz, para que as trevas não alcancem vocês. Quem caminha nas trevas não sabe para onde está indo. Enquanto vocês têm a luz, acreditem na luz, para que vocês se tornem filhos da luz” (Jo 12, 35-36).

Jesus, como luz, permite que aqueles que o seguem vejam onde estão indo e o que estão levando.

Esta é uma imagem útil quando consideramos a renovação. Nós somos convidados a pensar onde estamos e aonde precisamos ir. Hoje, particularmente, temos a oportunidade de permitir ao Senhor lançar sua luz em cada aspecto da nossa experiência e das nossas convicções a fim de iluminar nossa mente e nosso coração. Esta luz pode iluminar aquelas áreas que preferimos manter escondidas e no escuro e, talvez, são mais frequentemente ignoradas. Ela também nos permite ver nossas virtudes com clareza e humildade. Nós nos permitimos ficar conscientes das bênçãos que têm sido derramadas sobre nós e de como precisamos ser agradecidos e também comprometidos a viver nosso carisma. À luz de Cristo, nós vemos a verdade e queremos nos renovar para responder a esta verdade da melhor maneira possível (*Lumen Fidei* discorre consideravelmente sobre este tema da verdade, n.ºs. 23-28.).

Lumen Fidei nos lembra que nosso crescimento e renovação devem estar situados em relação a nossa fé:

“A fé nasce no encontro com o Deus vivo. Por um lado, provém do passado: é a luz duma memória basilar - a da vida de Jesus. Mas, por outro lado e ao mesmo tempo, dado que Cristo ressuscitou e nos atrai de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso « eu » isolado abrindo-o à amplitude da comunhão. É precisamente desta luz da fé que quero falar, desejando que cresça a fim de iluminar o presente até se tornar a estrela que mostra os horizontes do nosso caminho” (LF, n. 4).

Deste modo, a luz ilumina nossa prática passada, oferece encorajamento para o sucesso futuro e orienta o momento presente da Renovação. Ela nos dá novas inspirações, novas tarefas e novas companhias.

E SOBRE O SEU VOTO DE OBEDIÊNCIA?

- É tão fácil para você que não precisa pensar sobre ele?
- E se você permitir que a luz de Cristo brilhe sobre suas convicções e atitudes nesta área, você descobriria alguma coisa sobre o que esta prática realmente significa para você?
- Você concluiria que é obediente no coração e também na razão, no espírito e no corpo? Você precisa de renovação neste campo?

**“REVESTIR O HOMEM NOVO”:
A RENOVAÇÃO CONDUZ ÀS RESOLUÇÕES**

Poucas pessoas compreenderam a necessidade de mudança na vida cristã com a clareza de Paulo. Esta foi, certamente, uma inspiração do Espírito dada a ele para o bem da comunidade cristã - para nós. Ele precisou fazer a experiência desta mudança em si mesmo e partilhou o que aprendeu com seus irmãos e irmãs da Igreja primitiva. Ele usa vários meios para falar sobre esta renovação. Por exemplo, em sua segunda carta aos Coríntios, ele escreve:

“E por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico vá se desfazendo, o nosso homem interior vai se renovando a cada dia” (2Cor 4, 16).

Sua distinção aqui é entre o homem “exterior” e o “interior”. Paulo sabe que o corpo continua a perder energia e habilidade - nós todos sabemos os passos mais lentos e a visão mais fraca que acompanham a nossa maturidade - mas o espírito continua a florescer e a se tornar mais vivo. Ao menos, deve ser desta maneira. Paulo diz que nosso homem “interior” vai se renovando a cada dia e nós rezamos para que isto seja verdade.

À medida que continuamos a ouvir a Palavra de Deus, receber o corpo e o sangue de Cristo na Eucaristia, servir a Cristo presente nos pobres, viver a fidelidade em nossa vida comunitária e as bênçãos de nosso carisma, e assim por diante, temos a possibilidade de nos desenvolvermos, continuamente, e sermos renovados todos os dias. Isto deve ser um traço de esperança para nós, porém nos oferece também um elemento de reflexão sobre a Renovação: o homem interior está renovado ou será que deixo as preocupações do homem exterior dominar minha reflexão?

Paulo usa outra ideia ao longo destas linhas quando escreve aos Efésios. Desta vez, ele fala sobre o homem velho e o homem novo:

“Vocês devem deixar de viver como viviam antes, como homem velho que se corrompe com paixões enganadoras. É preciso que vocês se renovem pela transformação espiritual da inteligência, e se revistam do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade. (...) Não entristeçam o Espírito Santo, com que Deus marcou vocês para o dia da libertação. Afastem de vocês qualquer aspereza, desdém, raiva, gritaria, insulto, e todo tipo de maldade. Sejam bons e compreensivos uns com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus perdoou a vocês em Cristo” (Ef 4, 22-24; 30-32).

Novamente, ele convida a comunidade a se renovar e sugere os meios para fazer isto: primeiro, distinguindo o que eles devem evitar e depois, destacando o que deve caracterizar a vida deles juntos, como isto deve definir a nossa. Nós ouvimos o encorajamento para sermos abertos e atentos ao Espírito Santo. Fomos lembrados de nossa necessidade de afastar a aspereza e a maldade. Mais acima de tudo, nós fomos orientados a sermos bons, compreensivos e a perdoarmos-nos mutuamente e àqueles que servimos.

E SOBRE A CASTIDADE?

- Existe uma riqueza nesta prática que expressa e vivifica seu ser interior?
- É fácil ser casta porque você está envelhecendo ou porque está mais comprometida com sua essência e a natureza da doação de si mesma?
- Você está pronta para se renovar por causa da graça que a castidade leva para sua vida e seu serviço?

“EIS QUE FAÇO NOVAS TODAS AS COISAS”:

A RENOVAÇÃO NASCE DA ESPERANÇA E CONDUZ A ELA

A visão do livro do Apocalipse está em sintonia com a do profeta Isaías (65, 17-25) à medida que chama a atenção para a novidade que o Senhor Deus traz.

“Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para o seu marido. Nisso, saiu do trono uma voz forte. E ouvi: “Esta é a tenda de Deus com os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu povo e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele vai enxugar toda lágrima dos olhos deles, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor. Sim! As coisas antigas desapareceram!”. Aquele que está sentado no trono declarou: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 1-5).

Quando alguém lê esta passagem cuidadosamente vê que o centro da nova ordem que o Senhor estabelece - o novo céu, a nova terra, a nova Jerusalém - é a morada de Deus no meio do seu povo. Escutemos novamente:

“Esta é a tenda de Deus com os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu povo e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus”.

O que caracteriza a “antiga ordem” - lágrimas, morte, luto, lamentos e dor – desaparecerá. O Deus vivo vem para o meio de seu povo e ele fará novas todas as coisas. Não se pode evitar pensar na ligação entre esta verdade e a verdade que Adão e Eva conheceram no Jardim do Éden. Sua experiência inicial de íntima proximidade com Deus, no início do universo foi interrompida pelo pecado. A separação do Senhor que se seguiu foi acompanhada pela separação da ordem criada. Agora, no final dos tempos, tudo está curado; o mundo é restaurado e Deus está perto do seu povo para nunca mais se separar. Tudo o que Ele criou está renovado.

Em nossa renovação somos convidados a pensar na maneira como nós também devemos ser renovados em nosso relacionamento com o Senhor através dos nossos votos. Este precisa ser o ano no qual nós nos aproximaremos mais dele e o deixaremos habitar mais profundamente em nossos corações, mentes e iniciativas. Nós todos ansiamos por esta proximidade, mas ansiar não é suficiente. Nós precisamos dar os passos que lhe concedam maior acesso em nossas vidas. Como João Batista, citando Isaías, nos convida:

“Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!” (Mt 3, 3).

Para sermos renovados neste compromisso, nós precisamos refletir sobre nossa dedicação à oração, à meditação e à vida sacramental.

A visão de esperança que desponta nesta passagem do Apocalipse se expressa na avidez com que renovamos nossos votos. Acreditamos na novidade que Deus pode trazer e traz para a vida das pessoas através do nosso serviço. Acreditamos que Deus habita em nós e que esta moradia provê as necessidades da comunidade humana.

“Eis que faço novas todas as coisas” é a promessa de Deus à comunidade humana que se realiza neste momento e neste lugar através de nós. Seu voto específico de se entregar, por toda vida, ao serviço dos pobres proclama a esperança; ele insiste que você buscará fazer a diferença na vida das pessoas. Você promete ser verdadeira para estas pessoas e fazer novas todas as coisas para elas na medida em que você mesma se renova. As lágrimas, o luto e dor que são parte da vida dos pobres são atenuados por seu serviço e sua presença.

- Quão cheia de esperança de cumprir esta promessa, efetivamente e sem reservas, você está?
- Você está pronta para se renovar desta maneira?

O Senhor promete renovar a terra. Uma das maneiras de Ele fazer isso é através de nosso esforço e compromisso sincero com aqueles a quem servimos fielmente.

PESSOAS RENOVADAS

É muito fácil criar uma lista de pessoas que foram renovadas pela graça de Deus.

Nós podemos começar com **São Paulo** que já mencionei várias vezes nesta conferência. Minha afeição e admiração por ele devem ser evidentes. Todos nós conhecemos sua história. Ele foi um grande perseguidor dos cristãos, mas encontrou o Senhor ressuscitado e tudo mudou. Ele foi renovado. Antes do encontro, ele estava disposto a levar sofrimento e perseguição para a vida de outras pessoas; depois, ele é aquele que está disposto a aceitar o sofrimento e a perseguição pelo bem do Evangelho. Antes do encontro, ele estava convencido do erro daqueles que seguiam o caminho cristão; depois, ninguém será mais dinâmico na proclamação do Evangelho ou dos ensinamentos de Jesus do que ele. Antes do encontro, Paulo era ambicioso e buscava a fama para si mesmo; depois, ele será o servo do Senhor que aceitará qualquer tarefa, não importa quão humilde seja, a fim de anunciar o Evangelho. No Novo Testamento, Paulo é um grande exemplo de uma pessoa que está renovada em sua fé e em sua vida enquanto responde ao desejo de seguir o Cristo crucificado mais de perto. Paulo não busca fazer de Cristo um remendo em suas antigas crenças; ele aceita Jesus como um barril novo.

Quando nós olhamos para **São Vicente**, encontramos outro exemplo de uma pessoa que se deixou renovar. A história de egocentrismo de Vicente, no começo da sua vida, é bem conhecida. Ele era um homem talentoso que buscava um benefício que atenderia às suas necessidades e às de sua família. Ele não era um homem ruim, apenas alguém que parecia colocar seus próprios interesses à frente das necessidades dos outros. No entanto, ele foi convertido e renovado. Isso começou no encontro com o bom povo da paróquia da Châtillon ou com o servo em Gannes? Foi o encorajamento recebido da família de Gondi ou seu sucesso em Folleville? Será que Vicente ouviu o Evangelho pela primeira vez em sua força e desafio quando começou a pregar as missões? Vicente foi renovado. Muitos elementos, provavelmente, contribuíram para esta transformação, mas ela certamente envolveu uma conversão para escutar e responder ao Evangelho em sua vida. Ele se revestiu do homem novo e libertou-se do homem velho, como Paulo diria, e isso o renovou para se tornar o grande missionário da caridade, que definiu o seu futuro.

Santa Luísa não pode ser deixada de fora deste grupo de pessoas que se tornaram novas. Sua história começa com uma mulher que pode ser considerada um pouco escrupulosa. Ela era muito preocupada com o estado de sua alma, o que não era uma coisa ruim, mas absorvia muito de sua atenção e energia. Sua experiência da Luz, em Saint Nicolas-des-Champs destaca suas limitações e as áreas nas quais ela teve um grande crescimento e desenvolvimento; áreas de sua vida nas quais ela permitiu ser renovada. Os talentos e a inteligência, dados pelo Senhor para ela por natureza, eram muito centrados nela mesma, no começo de sua conversão. Ela aprendeu a usar estes dons em benefício dos outros e para a glória de Deus e assim, experimentou uma renovação que foi um grande benefício para a Igreja. Todo ano, ela crescia em seu compromisso ao responder à orientação do Espírito. Ela era renovada ao permitir que a luz de Cristo brilhasse em seu coração e em sua vida. Ele iluminava cada canto de sua alma e se tornou o farol que deu direção aos seus passos.

Quando começamos a pensar naquelas que foram animadas pelo seu serviço dos pobres e, assim, renovaram a face da terra, nós podemos, com gratidão, criar uma longa lista. Entre nossas Irmãs, nós podemos começar a lista com Rosalie Rendu, Josefina Nicoli, Margarida Rutan, Marta Wiecka, Lindalva Justo de Oliveira e muitas outras que permanecerão desconhecidas. Quantos muitos exemplos nós podemos listar que se permitiram ser renovados pela graça de Deus e pela orientação do Espírito Santo: Dom Romero, Dorothy Day, João XXIII, Frederico Ozanam e muitos outros.

CONCLUSÃO

Minhas Irmãs, nós falamos sobre a renovação dos votos, mas nós sabemos que falamos realmente sobre a renovação de nós mesmos na vivência destes votos. Pobreza, castidade, obediência e o serviço dos pobres permanecem sempre novos. Nós buscamos algumas pistas de sua profundidade nos testemunhos das Escrituras e também em nossa tradição e experiência. Nós encontramos maneiras nas quais eles são desafiados e como nos desafiam em nossa época, lugares e culturas. Contudo, somos sempre nós que

precisamos ser renovados. A renovação começa e termina com o encontro de um lugar mais profundo para o Senhor em nossas vidas. Escutem a exuberância de Santa Luísa ao escrever para São Vicente:

“Meu coração, ainda repleto de júbilo pela compreensão que, me parece, lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: “Deus é meu Deus! e pelo sentimento que experimentei da glória que todos os bem-aventurados lhe tributam; como consequência desta verdade, não posso privar-me de falar convosco esta tarde para pedir-vos me ajudeis a fazer bom uso destes excessos de alegria e me ensineis alguma prática para amanhã, dia do santo de quem tenho a honra de ter o nome, dia também da renovação de meus votos” (SL, C. 348, Ao Pe. Vicente, hoje, 24 de agosto antes de 1650).

Com esta alegria que reconhece Deus como nosso Deus, peçamos Àquele que é o Santo a graça de sermos renovados em nossos votos e compromisso com ele, uns com os outros e com os amados pobres.

Padre Patrick Griffin,
Diretor Geral

PADRE PATRICK GRIFFIN, CM

Assembleia geral 2015

“Por um novo elã missionário”

Podemos discernir a mão da Providência na publicação da Exortação Apostólica do Papa Francisco, Evangelii *Gaudium*, neste momento em que nos preparamos para a Assembleia geral que quer nos orientar para um “novo elã missionário”. Esta Exortação parece estar em consonância com o nosso carisma e nossa missão. São Vicente e Santa Luísa veriam neste acontecimento a Vontade de Deus. Em sua carta de 2 de fevereiro, Irmã Evelyne utilizou este texto para desenvolver sua reflexão sobre o “espírito missionário da Companhia”.

No ano passado, tivemos a oportunidade de refletir sobre a “audácia da caridade” a partir da Bíblia e do Carisma. Este ano, nossa reflexão será sobre o “novo elã missionário”.

Minha conferência terá quatro partes:

- na primeira, algumas passagens bíblicas nos ajudarão a compreender melhor como a “audácia da caridade” nos conduz a um “novo elã missionário”.
- na segunda parte, *Evangelii Gaudium* conduzirá nossa reflexão sobre o tema da Assembleia, à luz do carisma e do Documento Interassembleias (D.I.A).
- terceira parte, mais breve, será sobre a natureza e a força da noção de “novidade”-
- finalmente, na quarta parte, refletiremos sobre dois logotipos, o da Assembleia e o Selo da Companhia.

I - REFLEXÕES BÍBLICAS SOBRE A “AUDÁCIA DA CARIDADE” PARA UM “NOVO ELÃ MISSIONÁRIO”.

COMO A “AUDÁCIA DA CARIDADE” DÁ ORIGEM A UM “NOVO ELÃ MISSIONÁRIO” ?

Esta relação se parece a uma relação de causa e efeito? A audácia do nosso carisma toma decisões novas e desafiadoras, suscita uma força e uma energia nova para o serviço?

Esta relação entre “audácia da caridade” e “novo elã missionário” se parece com uma dependência mútua?

- Uma exige natural e inevitavelmente a outra?
- Podemos ser audaciosas em nosso carisma e depois não sermos conduzidas aos novos campos de ação?
- Podemos adotar novas formas de abordagem para a missão sem sermos audaciosas nas decisões abertas à mudança e a uma incerteza?

Esta relação é a que existe entre o desejo e a ação?

Um começa em nossa mente e nosso coração e se expressa depois em todo o nosso ser.

- Estamos prontos a converter a esperança em serviço?
- Qual é a relação entre as duas partes do nosso tema?

É uma verdadeira questão que permite uma certa análise e diferentes respostas.

Vejamos alguns exemplos na Palavra de Deus:

1 - CAMINHAR SOBRE AS ÁGUAS (Mt 14, 25-32)

“Entre as três e as seis da madrugada, Jesus foi ter com os discípulos, andando sobre o mar. Quando os discípulos o perceberam caminhando sobre as águas, ficaram com medo: É um fantasma! Disseram eles, soltando gritos de terror. Jesus, porém, logo lhes disse: ‘Coragem! Sou Eu. Não temais’. Então Pedro disse-lhe: ‘Senhor, se és Tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água’. Jesus respondeu: ‘Vem’. Pedro desceu da barca e começou a andar sobre a água em direção a Jesus. Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: ‘Senhor, salva-me’. No mesmo instante, Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste? Então entraram na barca e o vento parou”.

A primeira reação dos discípulos diante deste acontecimento é o medo: “É um fantasma!” eles disseram. Mas, Pedro começa a retomar coragem quando ele escuta Jesus e aceita ir em sua direção. Ao ouvir o convite de Jesus, Pedro manifesta uma certa audácia, sai do barco para caminhar sobre as águas, como Jesus. Corajosamente dá seus primeiros passos, mas depois se torna hesitante.. Ao invés, de conservar os olhos fixos sobre o objeto de seu amor, Jesus, Pedro começa a prestar atenção no vento e nas ondas e, começa a vacilar - literalmente a afundar. Faltando-lhe confiança e segurança, seu elã inicial não é suficientemente forte para levá-lo até o Senhor,

Não podemos criticar Pedro. Ele nos mostra que a hesitação não é compatível com a audácia, mas pelo contrário, pede uma firme resolução para não ‘retroceder’, para manter os olhos fixos no Senhor e avançar em sua direção com passos seguros e regulares. A realidade do vento e as ondas é inegável, mas eles não devem ser os fatores decisivos. Quanto mais nos distanciamos do barco e da nossa “zona de conforto”, mais nos aproximamos de Jesus e do novo lugar onde vamos nos manter e de onde devemos partir. Vislumbremos estes últimos passos na direção de Jesus como aqueles que suscitam um elã, ao mesmo tempo que queremos ser tomadas em seus braços e estamos amedrontadas de nos encontrarmos sozinhas de pé sobre as águas e distantes do barco e de Jesus.

Delineia-se aqui a oportunidade de conhecer o Evangelho de uma maneira nova. “Caminhar sobre as águas” e ir em direção ao Senhor abre novas possibilidades para a missão. Podemos ir para lugares onde jamais estivemos antes. Outras pessoas, encorajadas pelo nosso exemplo, desejarão também ser audaciosas. A missão realizada com entusiasmo se torna uma força para a evangelização. A audácia conduz naturalmente a um elã. A caridade conduz à missão.

2- A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (MT 14, 14-21)

“Ao sair da barca, Jesus viu uma grande multidão. Teve compaixão deles e curou os que estavam doentes. Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: ‘Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada. Despede a multidão, para que possa ir aos povoados comprar alguma coisa para comer’. Mas Jesus disse-lhes: ‘Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós de comer’. Os discípulos responderam: ‘Só temos aqui cinco pães e dois peixes’. Jesus disse: ‘Trazei-os aqui’. Jesus mandou que as multidões se sentassem na relva. Depois tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e deu-os aos discípulos; os discípulos distribuíram-nos às multidões. Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. O número dos que comeram era mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças”.

A multiplicação dos pães e dos peixes, que é contada seis vezes nos Evangelhos, é uma passagem importante para a primeira comunidade cristã. Não podemos discernir facilmente essas evidências eucarísti-

cas, mas esta passagem tem muito mais a nos ensinar quando a escutamos sem pressupostos e com um pouco de imaginação criativa.

Jesus deseja que os famintos sejam alimentados. Mas, os discípulos buscam a solução mais racional e mais fácil: mandar todos embora para que eles cuidem de si. Porém, Jesus tem uma outra ideia e diz aos discípulos: *“dai-lhes vós de comer”*. Então, eles fazem um rápido levantamento e constatam que têm apenas cinco pais e dois peixes. Jesus não se queixa daquilo que eles não possuem, Ele começa com o que tem disponível, e busca partilhá-lo. A boa vontade para partilhar acompanhada pela bênção do Senhor faz com que a ação se realize, as pessoas sejam alimentadas.

Não podemos resolver a questão do “como” deste alimento: foi um milagre. O resultado é evidente: as pessoas foram alimentadas e ainda sobrou comida.

Imaginemos a audácia dos discípulos que confiando na Palavra de Jesus, se dispõem a partilhar o que tinham e começam a distribuir o alimento. Imaginemos o elã que suscitaram quando inicialmente alimentaram as primeiras cem pessoas e, depois, os outros milhares. O que pode ter começado de maneira hesitante e prudente continuou na alegria e na generosidade.

Esta passagem sugere como “a audácia da caridade” pode dar origem ao elã missionário. Ter pouco não justifica a falta de esforço; utilizar o que temos com generosidade e compromisso permite a bênção divina florescer e se alastrar. A audácia leva ao elã. A caridade leva à missão.

3 - CURAR OS DOENTES (MT 15, 21-28)

“Jesus partiu dali e retirou-se para os arredores de Tiro e Sidônia. E eis que uma cananeia, originária daquela terra, gritava: ‘Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio’. Jesus não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos vieram a ele e lhe disseram com insistência: ‘Despede-a, ela nos persegue com seus gritos’. Jesus respondeu-lhes: ‘Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel’. Mas aquela mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: ‘Senhor, ajuda-me!’ Jesus respondeu-lhe: ‘Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos’. A mulher disse: ‘Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos’. Disse-lhe, então, Jesus: ‘Ó mulher, grande é tua fé! Que te seja feito como desejas’. E na mesma hora sua filha ficou curada”.

Observemos a primeira reação dos discípulos: *“Despede-a ela nos persegue com seus gritos!”* Jesus inicia um diálogo com ela.

A cananeia é uma pessoa corajosa : sua filha está atormentada; ela fará o impossível por sua filha. Com audácia, ela se aproxima de Jesus, apesar dos preconceitos de sua época em relação à mulher. No início ela tenta obter ajuda chamando-o de longe, mas não é suficiente; então ela se prostra aos pés de Jesus, presta-lhe reverência e lhe diz com simplicidade: *“Senhor, ajuda-me!”*

Jesus respondeu-lhe: *‘Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos’*. A mulher disse: *‘Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos’*. Nada detém esta mulher, ela está determinada pois o amor por sua filha é grande e audacioso. Jesus fica impressionado. A mulher não está somente ávida para obter um dom gratuito, ela é alguém com quem Jesus pode contar. Ele lhe concede a cura que ela tanto buscava; Ele reconhece a determinação e o verdadeiro amor. Ele responde a isto através de uma ação positiva.

Podemos nos perguntar se esta mulher teve uma real e significativa influência sobre Jesus. A compreensão que Jesus tinha de sua missão foi reavaliada graças a esta mulher. A partir deste momento, Jesus vê que sua missão não está somente destinada à Casa de Israel, mas ao mundo inteiro. Seu novo elã missionário o conduz a ultrapassar a visão do mundo conhecido de seu tempo. Isto produziu novos ouvintes, mas também, novos adversários. Ele acolhe os pagãos e os judeus inclusive os marginais. A caridade audaciosa da Cananeia levou Jesus a um “novo elã missionário”. Tudo isto faz parte do desígnio misterioso de Deus. A audácia leva ao elã. A caridade leva à missão.

Outras passagens do Antigo e do Novo Testamento poderiam explicitar melhor este tema, por exemplo, as Bodas de Caná (Jo, 1-10). A necessidade do jovem casal suscitou em Maria a audácia da caridade que provoca o começo do ministério público de seu Filho, “*um novo elã missionário*”.

II - UM “NOVO ELÃ MISSIONÁRIO” E *EVANGELII GAUDIUM*

A Exortação apostólica oferece abundantemente pontos para refletir sobre a segunda parte do tema da Assembleia Geral: “um novo elã missionário”. Sua atenção centrada no Evangelho e na necessidade de uma “nova evangelização” está fortemente em acordo com o apelo do nosso carisma e do *Documento Interrassembleias (DIA)*. Nesta exortação, o Papa Francisco expressa sua gratidão às pessoas cujos exemplos de vida cristã o marcaram.

“...os inúmeros cristãos que dão a vida por amor: ajudam tantas pessoas seja a curar-se seja a morrer em paz em hospitais precários, acompanham as pessoas que caíram escravas de diversos vícios nos lugares mais pobres da terra, prodigalizam-se na educação de crianças e jovens, cuidam de idosos abandonados por todos, procuram comunicar valores em ambientes hostis, e dedicam-se de muitas outras maneiras que mostram o imenso amor à humanidade inspirado por Deus feito homem” (E.G. n° 76).

Estas palavras próximas do nosso carisma expressam bem o que devemos ser e nos orientam para um novo elã missionário.

Podemos perguntar-nos: o que deveria caracterizar o nosso elã missionário? Como saber se estamos avançando na boa direção?

A “audácia da caridade” que conduz a “um novo elã missionário” não consiste necessariamente a empreender novas obras, nem a estar presente em novos lugares, ele se traduz, sobretudo, por um compromisso renovado para servir os pobres. Entrar na Nova Evangelização nos leva a examinar nossas convicções, a olhar as realidades e a buscar meios adaptados para anunciar a Boa Nova. Isto pode ser feito com um esclarecimento e um fervor renovados, lá onde vivemos, servimos e celebramos. A “nova evangelização” leva em consideração a natureza da cultura atual e busca abordá-la reconhecendo seus valores e contravalores.

Em sua exortação, o Papa Francisco menciona o que pode suscitar uma nova evangelização e as atitudes que a impedem. Ele apresenta o lado obscuro do serviço com uma caridade concreta que sugere uma vivência dolorosa. A leitura dos parágrafos 76 a 109 pode ajudar-nos a fazer um exame de consciência e a tomar uma “firme resolução de não mais ofender a Deus”. Entre os inúmeros elementos utilizados para descrever um “novo elã missionário”, escolhi três, a esperança, a comunidade e o Evangelho.

1 - A ESPERANÇA:

“*Que o Espírito venha saciar nossas sedes, desejos de verdade e de coerência para que nos tornemos portadoras de esperança neste mundo*” (DIA, pág. 7).

Diante das atitudes atuais de desânimo ou pessimismo, *Evangelii Gaudium* nos lembra a importância de ter uma esperança firme e positiva no serviço que realizamos. Os três parágrafos (84 a 86) apresentam tesouros de esperança:

- “*O olhar de fé é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20)*” (E. G. n° 84);

- “*Nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio*” (E.G. n° 84);

- “*Na ordem presente das coisas, a misericordiosa Providência está-nos levando para uma ordem de relações humanas que, por obra dos homens e a maior parte das vezes para além do que eles esperam, se encaminham para o cumprimento dos seus desígnios...*” (E.G. n° 84);

- "...disse o Senhor a São Paulo: 'Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza' (2 Cor 12, 9)" (E.G. n° 85);

- "O triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal." (E.G. 85);

- "E, no deserto, existe, sobretudo, a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança. Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros" (E.G. 86).

Escutemos a maneira como cada uma destas afirmações apresentam as características de um novo elã missionário: "uma ternura batalhadora!" (85)

Creemos que todos os nossos trabalhos estão nas mãos de Deus; é Ele quem faz crescer a semente. Em situações onde as pessoas perderam a esperança porque não têm poderes, não têm direito à palavra ou são excluídos, as Filhas da Caridade são chamadas a socorrer suas necessidades e a serem "portadoras da esperança" (DIA, pág. 7). Nossa resposta concerne também às necessidades espirituais e materiais dos pobres. Santa Luísa nos encoraja: "Trabalhem, pois, queridas Irmãs, no serviço corporal e espiritual dos pobres doentes, por amor de Jesus Crucificado..." (SL. C.542, pág. 585).

- Até onde este elã pode nos conduzir quando estamos atentas "as sedes, aos desejos ardentes e aos apelos urgentes" (DIA, pág. 5)?

Podemos identificar um exemplo: o serviço às pessoas vítimas do tráfico humano, particularmente as mulheres e as crianças.

- Existem outras pessoas cuja situação fazem-nas chegar ao ponto de não ter uma visão otimista do futuro?

- Para quais outros grupos a audácia da caridade nos envia para responder com um elã missionário, como portadores da esperança?

2 - A COMUNIDADE:

"Guiadas pela Palavra de Deus, apaixonadas pelo mundo onde fomos enviadas, nós nos **comprometemos juntas** a responder aos apelos do Espírito, hoje" (DIA, p. 18).

Como Filhas da Caridade escolhemos viver uma vida consagrada; a Comunidade faz parte integrante de nossa vida; apreciamos o apoio que damos e recebemos mutuamente e a vida de partilha.

"O testemunho evangélico da Comunidade local é um sinal ainda mais visível da presença de Jesus Cristo amado e servido nos pobres" (C. 59).

Viver juntas nos obriga a falar, a escutar, a nos apoiar na oração e no serviço. No *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco apresenta o valor da comunidade como um dos objetivos e um dos dons da nova evangelização. Vejamos algumas maravilhosas afirmações (do § 87 ao 92) que são apresentadas:

- "As maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e de solidariedade entre todos" (E. G., n°87);

- "O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com sua alegria contagiante, permanecendo lado a lado" (E.G., n° 88);

- "Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura" (E. G. n° 88);

- "As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotam da encarnação da fé cristã numa cultura popular" (E.G. n° 90);

- *“Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros...é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom”* (E. G. nº 92);

- *“Precisamente nesta época, inclusive onde são um ‘pequenino rebanho’ (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora...”* (E. G. nº 92).

Parece que a experiência da vida fraterna vivida com os Jesuítas levou o Papa Francisco a estas elucidações e experiências. O caráter encarnado da comunidade está profundamente coerente com Vicente e Luísa que tinham uma teologia prática da caridade. Da mesma forma, algumas pessoas são convidadas a realizar esta ação comunitária conosco:

“[As Filhas da Caridade colaboram] com as Associações e Organismos que lutam contra as causas da pobreza, para a promoção da justiça, da paz e do respeito à vida” (DIA, p. 24).

Em seu ministério, Jesus chamou um grupo de discípulos para acompanhá-lo e os ensinava quando ia ao encontro das pessoas marginalizadas, excluídas e rejeitadas. Vejamos como as passagens do Evangelho são cheias destas lições. Convidar as pessoas a serem membros de uma sociedade onde elas possam sentir o apoio dos outros, assim como a alegria de estarem rodeados é um dom maravilhoso - uma “revolução da ternura”(E.G. nº 88). Aprender a viver junto em paz mostra o caminho da extinção da guerra, do preconceito e da miséria. Cuidar dos outros pessoalmente, nos ajuda a reconhecer e a responder às suas necessidades. Trata-se aqui dos dons da Comunidade.

A quem nos leva o nosso “elã missionário” quando buscamos partilhar os tesouros da nossa pertença a uma Comunidade: talvez seja às pessoas que conhecem o sofrimento da rejeição como os imigrantes que vão para outro país em busca de uma vida melhor; aos refugiados que são obrigados a deixar sua pátria por causa da guerra, da fome ou do preconceito; às pessoas com deficiência mental ou física ou que sofrem com outras doenças; às crianças órfãs, àquelas que não têm mais esperança de ser acompanhados. Com o clamor de cada grupo, é fácil para nós nos lembrarmos da maneira como Vicente e Luísa responderam às necessidades das pessoas que conheciam situações semelhantes, em sua época. Irmã Eveline nos lembra das exigências do futuro, hoje:

“A nova evangelização tem necessidade de Filhas da Caridade audaciosas, decididas a ir contra a corrente, a buscar novos serviços, a desenvolver um modo de presença que torna ainda mais visível a compaixão e a misericórdia do Senhor para com a humanidade sofredora e sedenta de vida. Em alguns casos, será preciso reforçar o que existe e em outros ter a coragem de inovar”. (Carta de 2 de fevereiro de 2014, pág. 7).

Muitas destas pessoas, nossos irmãos e irmãs pobres não conhecem a consolação de ter alguém, uma comunidade que cuide deles. A audácia da caridade que pode motivar uma Filha da Caridade conduz a uma resposta missionária dinâmica interpessoal e que dá um grande valor ao acompanhamento.

3 - O EVANGELHO:

“Dar um lugar central à Palavra de Deus em nossa vida de fé; reconhecer que Deus nos fala na Sagrada Escritura, pela Igreja, através dos acontecimentos; reencontrar sua força ativa em nossa vida” (DIA, p. 9).

O Papa Francisco indica que o Evangelho deve estar no centro da nova evangelização. Poderíamos pensar que esta observação é tão evidente que ela não precisa mais ser mencionada. Mas, depois ele começa a descrever as maneiras como o Evangelho foi compreendido e mal interpretado - às vezes, até mesmo por pessoas de boa vontade (93-97). Às vezes um “apego ao mundanismo” se apresenta nesta mensagem (93-95). Somos submetidos aos mesmos ensinamentos e aos mesmos perigos a propósito do “nosso elã missionário” e seu enraizamento no Evangelho. Às vezes, devemos escutar mais atentamente as palavras que nos são ditas,

ao invés das palavras que pensamos escutar ou que preferimos ouvir. O Evangelho foi muitas vezes mal interpretado ou impropriamente utilizado em detrimento do povo judeu-cristão. O centro do Evangelho nem sempre é o que as pessoas pensam. É muito mais interpelador e criativo e, portanto, simples e brando. Ele não será jamais totalmente compreendido, nem será jamais totalmente assimilado. A Exortação apostólica aborda esta verdade da mensagem cristã que é o fundamento do Evangelho:

- *“Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história”* (EG nº 95);

- *“Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho estafante, porque todo o trabalho é ‘suor do nosso rosto’.... Cultivamos a nossa imaginação sem limites e perdemos o contacto com a dolorosa realidade do nosso povo fiel”* (EG nº 96);

- *“Devemos colocar a Igreja “em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres”*. (EG nº 97). A centralidade das Escrituras na vida de Vicente e de Luísa é bem conhecida. Abelly escreveu: *“A vida deste Divino Salvador e a doutrina de seu Evangelho foram a única regra de sua vida e de suas ações (de Vicente). Era toda a moral e a política, segundo a qual ele se pautava bem como todos os negócios que passavam por suas mãos. Em uma palavra era o fundamento sobre o qual ele construiu seu edifício espiritual”* (Abelly I, p. 78).

Luísa fala de seu desejo de ler o Novo Testamento diariamente e aprender a conhecer a vida de Jesus; os frutos desta prática regular são recolhidos nas instruções (plenas de sabedoria bíblica) que ela dá às Irmãs. O apelo consiste sempre em expressar o Evangelho vivenciado, respondendo às necessidades materiais e espirituais dos pobres. Para nossos fundadores, as palavras do Senhor não permaneciam presas em um livro, mas eram levadas para a oração e lançadas depois nas ruas da França do século XVII pelos braços e os pés dos homens e mulheres devotos que viviam o carisma.

“A audácia da caridade” oferece uma perspectiva através da qual o Evangelho pode ser lido para revelar o coração de Jesus. As Filhas da Caridade são encorajadas a se preparar para a oração através da leitura da Palavra de Deus (Estatuto 3b). A partir desta leitura e desta meditação, o elã missionário surge. As Filhas da Caridade escutam a Palavra de Deus que as envia em missão aos hospitais e nas casas (cf. C 25c). As passagens evangélicas e o mistério da Cruz são sempre um convite a agir em favor das pessoas que precisam da presença de Deus em suas vidas. Um dos maravilhosos dons que oferecemos é o alimento do Evangelho, e os pobres, no-lo tornam presente para nós (DIA, p. 10).

O campo da educação (escolas, curso de catecismo, programas de formação para adultos) é um lugar evidente para ensinar os pobres, para ajudá-los a crescer ou a encontrar a sua dignidade, material e espiritualmente. Assim também os programas sociais de proximidade, de serviço de cuidados de saúde, de acompanhamento familiar. A Palavra de Deus pode ser acolhida com confiança e ser um estímulo para todos. O Evangelho se encarna na ação concreta e generosa. A oportunidade de convidar outros a partilhar este serviço - que era um dos verdadeiros dons de Vicente - pode também se expandir.

A Palavra de Deus é uma semente. Quando ela é semeada nas pessoas de fé, ela cresce e influencia suas vidas e suas decisões. Ela não garante uma conquista esperada, nem a solução de todos os problemas, mas lembra às pessoas que elas são amadas, que precisamos cuidar uns dos outros, e que tudo está nas mãos de Deus.

III - ALGO DE “NOVO”

“Deixemo-nos tocar pelo Espírito que quer fazer novas todas as coisas, que quer, hoje, renovar nossos corações em profundidade, curar nossas feridas e as de toda humanidade!” (DIA, pág. 8)

Nesta intervenção, poucas coisas foram ditas sobre a noção de “novidade” tal como está presente no tema da Assembleia: “um novo elã missionário”. É uma palavra significativa que sugere uma atitude importante. Para o retiro de preparação para a Renovação dos Votos na Casa Mãe, meditamos a Escritura e a vida de nossos fundadores para explorar o tema: “*Fazer novas todas as coisas*”. Resumindo, lembramos como nossa “renovação” dos votos nos provoca sempre a esta renovação pessoal.

Uma das palavras de sabedoria de Jesus nos Evangelhos destaca a necessidade do compromisso pessoal, necessário para a pessoa que escolheu mudar sua vida e seu serviço. Nisto, está implicado a pessoa toda inteira. No Evangelho lemos:

“Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos e assim os dois se conservam” (Mt 9, 16-17).

Duas imagens são oferecidas aqui. Primeiro, ouvimos que ninguém costura um retalho novo em roupa velha. A razão para isso parece óbvia para muitos de nós. Uma roupa velha que já teria sido lavada várias vezes, não encolheria mais. No entanto, uma nova peça de tecido iria encolher. Assim, quando este novo remendo é costurado num buraco de uma roupa velha, ele encolherá e fará um buraco ainda maior na roupa. Situação semelhante com o vinho: um vinho para continuar borbulhante e efervescente precisa de espaço para se expandir e respirar. Um barril velho, contudo, teria endurecido e se ajustado ao seu tamanho. Quando o vinho novo fosse colocado dentro do barril velho, ele o estouraria e tudo estaria perdido. Claramente, deve-se colocar vinho novo em barris novos que estão preparados para receber o novo conteúdo.

Um dos Guias de nossa Assembleia fala da maneira como “o novo” implica a criatividade, a conversão e a mudança”. São bens preciosos quando consideramos os “barris novos” de uma missão dinâmica nos quais derramamos o “vinho novo” da audácia de nossa caridade. Quando exploramos esta energia, “[*damos*] um novo ardor ao espírito missionário da Companhia” (DIA, pág. 15).

Quando pensamos na longa lista de pessoas que serviram os pobres e “renovaram a face da terra” (Salmo 103,30), lembramos-nos de Luísa de Marillac.

No início de sua história, Santa Luísa é uma mulher escrupulosa, muito preocupada com o estado de sua alma, a ponto de absorver uma grande parte de sua atenção e de sua energia. A “luz de Pentecostes” recebida na Igreja de Saint-Nicolas-des-Champs revela ao mesmo tempo, seus limites, mas também seu crescimento e seu desenvolvimento humano e espiritual. Seus talentos e sua inteligência eram ainda muito individualistas, quando ela começa a sua conversão.

Ela aprende a utilizar estes dons em proveito dos outros e para a glória de Deus, vivendo assim uma renovação que foi uma bênção para a Igreja. A cada ano, ela crescia em seu compromisso à medida que se abria e se deixava conduzir pelo Espírito. Ela se renovou quando deixou que a luz do Cristo brilhasse em sua vida como um farol, conduzindo seus passos na missão junto aos mais abandonados.

“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5) tal é a promessa de Deus na Comunidade humana que se realiza por nós, neste tempo e neste lugar. Seu voto específico de doar toda a sua vida no serviço dos pobres proclama a esperança; vocês prometeram ser fiéis aos pobres e fazer todas as coisas novas para eles. As lágrimas, o luto e a dor que fazem parte da vida dos pobres são atenuados pelo seu serviço e sua presença.

- Vocês se impregnaram de esperança para realizar esta promessa?
- Estão prontas para renovar-se interiormente?

O Senhor promete renovar a terra. Um dos meios pelo qual Ele o faz é pelos nossos esforços e nosso compromisso sincero com os pobres que servimos fielmente. Com a ajuda de Deus, assumimos um “novo elã missionário”.

IV - O LOGOTIPO DA ASSEMBLEIA GERAL

Observemos o logotipo da Assembleia Geral e o selo da Companhia:

“Somos testemunhas do Espírito, cuja obra libera novas energias, **pois nele vemos também**” (DIA, pág. 6).

Provavelmente, vocês notaram como o logotipo que estamos utilizando para Assembleia geral é uma versão recriada do selo da Companhia. Nesta nova composição temos: o Senhor crucificado, o fogo do zelo e o caminho que nos conduz para frente e para o exterior, como o coração.

O lema da Companhia é expressado pelo tema da Assembleia: “*A audácia da caridade para um novo elã missionário*”. Nesta “novidade”, encontramos as raízes sólidas da nossa herança e o convite á fidelidade. A escolha audaciosa em favor da vida e do amor que conduz o Cristo à Cruz, impeliu também a comunidade cristã a progredir em uma missão corajosa. Assim deve ser também para nós, hoje.

CONCLUSÃO

A ocasião de refletir sobre o tema da Assembleia geral oferece um desafio à Companhia e às Irmãs.

Todas são convidadas a escolher o futuro, respeitando o caminho percorrido, desejando avançar juntas com audácia. O apelo para responder às necessidades urgentes da Igreja não pode simplesmente ser programado; estas necessidades devem ser primeiro reconhecidas. Neste processo nasce um sentido da missão que nos permite responder aos pobres com um olhar de fé e uma grande compaixão.

Acolhamos com todo o nosso ser o tema “*a audácia da caridade para um novo elã missionário*” que dá uma força nova ao lema da Companhia: “*A caridade de Jesus Crucificado nos impele*”.

PADRE PATRICK GRIFFIN, CM

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

Nomeações

Nomeações dos Diretores Provinciais

NOMEAÇÕES DOS DIRETORES PROVINCIAIS

PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL: o Padre Ismar Conrado DE LEON HERNANDEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 22 de janeiro de 2014.

PROVÍNCIA DO VIETNÃ: o Padre Pierre Minh TRAN VAN foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 26 de fevereiro de 2014.

PROVÍNCIA DO JAPÃO: o Padre Amado CABALLERO foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 28 de março de 2014.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província França Sul

**Viver a enfermidade
com a Virgem Maria**

Na história de nossas vidas, a Virgem Maria está sempre bem presente e, especialmente, junto às pessoas doentes, qualquer que seja sua idade ou condição. Em Maria, estas pessoas reconhecem uma presença de Deus de escuta e de apoio nos momentos mais difíceis. Para muitas delas, Maria representa a ternura maternal de Deus, sua atenção delicada aos detalhes da vida, como uma verdadeira Mãe. Muitas vezes, elas se dirigem a Maria através da simples oração do terço.

Os membros do Serviço da Capelania Hospitalar, do qual faço parte, constataram que a Virgem Maria tem um lugar especial na oração das pessoas doentes que eles encontram ou acompanham diariamente.

Compartilharei aqui meu encontro com Dona Yvette que foi internada em um hospital das Landes, em Dax, cidade que fica próxima ao Berceau de São Vicente de Paulo. Reconheci em seu percurso e o daqueles que a rodeavam, alguns mistérios do Rosário. Tanto Dona Yvette quanto aqueles que a acompanhavam me fizeram pensar na Virgem Maria como presença da Igreja.

A VISITA ÀS PESSOAS DOENTES E O MISTÉRIO DA VISITAÇÃO

Dona Yvette foi internada para fazer alguns exames. Um membro de sua família me pediu para visitá-la, dizendo-me que ela era uma mulher de fé e praticante.

Com estes preciosos elementos, encontrei Dona Yvette em seu quarto, no hospital. Ela estava sozinha, sentada numa poltrona, com um ar de cansaço. Eu me apresentei como membro da capelania, dizendo-lhe que um de seus familiares tinha entrado em contato comigo para que eu lhe oferecesse este serviço de assistência espiritual. Rapidamente, Dona Yvette sorriu e me acolheu: “Estou feliz de encontrá-la, sente-se, por favor”. Sentei-me junto dela e começamos um diálogo. Ela me explicou sua situação:

“Há dois anos eu perdi o meu marido. Ele morreu em um hospital, após ter recebido todos os cuidados em casa durante muitos anos, quase até o fim de sua vida. Era um homem bom e nós o amávamos muito. Ele trabalhou muito durante sua vida; no domingo, íamos juntos à missa. Comecei a trabalhar ainda muito jovem como doméstica e meus patrões eram bons. Encontrei meu marido na cidade onde eu trabalhava. Nós nos casamos e tivemos dois filhos. Meu filho é casado e têm também dois filhos; minha filha está ainda estudando. Criamos nossos filhos de acordo com os preceitos cristãos. Mas, hoje, as coisas são diferentes: meus netos começaram o catecismo, mas depois pararam e não fizeram ainda a primeira Comunhão. Não sei mais qual é a situação deles agora. Meu filho, minha nora e meus netos são muito gentis comigo. Eles sabem o quanto a oração é importante para mim, mas não exerço nenhuma influência sobre eles, não quero incomodá-los, eles têm suas vidas e trabalham muito para educar seus filhos. Desde a morte de meu marido, vivo sozinha; minha filha que estuda, não mora aqui, mas quando ela pode, passa os finais de semana comigo. Ela se dá bem com o irmão e a cunhada, temos um grande sentido de família. Sinto falta do meu marido. Minha casa não era longe da Igreja, eu podia ir e rezar quando quisesse. Faço também parte da equipe do Rosário, gosto muito de rezar à Santíssima Virgem. Ela me ajudou muito durante minha vida, sobretudo nos momentos difíceis. Eu lhe confio toda a minha família”.

A EXEMPLO DE NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO, OS MEMBROS DA EQUIPE DA CAPELANIA VÃO AO ENCONTRO DAS PESSOAS IDOSAS.

“Naqueles dias, Maria partiu para a região montanhosa, dirigindo-se às pressas, a uma cidade da Judeia. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1, 39-40).

Através da visita dos membros da capelania do hospital, de alguma maneira é a Virgem Maria que se coloca a caminho para encontrar com os doentes, que se deixa, simplesmente, acolher por eles e se dispõe a escutá-los.

Ao longo do acompanhamento de Dona Yvette, eu imaginei que a Virgem Maria estava em meu lugar e, eis como eu a representei, graças ao que pude viver pessoalmente com Dona Yvette, ao longo dos dias.

Após ter ficado sentada ao lado de Dona Yvette e pedir que ela me contasse as novidades, a “Virgem Maria”, começou a folhear o álbum de fotos da família de Dona Yvette: ela olha para seu marido, seus antigos patrões, seus dois filhos, seus dois netos, sua equipe do Rosário, sua Igreja... A “Virgem Maria” está atenta a tudo o que faz parte de sua vida: as alegrias, as tristezas, o trabalho, o lugar dado a Deus em sua oração e seus outros compromissos. Nesta escuta, a “Virgem Maria” não fica na superfície das coisas, mas vai mais profundo, para compreender o significado de tudo. Ela vê a maneira como Dona Yvette assume sua identidade cristã, sua vocação de esposa, de mãe nos momentos de alegria como também nos momentos mais dolorosos de sua vida. O dom de si e o serviço dão cores às suas relações: com seu marido, com a família que foi construída sob a compreensão dos valores fundamentais tais como: a fé, a oração, o trabalho, o respeito, a educação das crianças. Através de seu estilo de vida, tiveram a atenção de transmitir estes valores aos seus filhos. A “Virgem Maria” olha com Dona Yvette seus caminhos de fidelidade a Deus e lembra-se de sua própria vida, de sua maneira de viver com José e Jesus no amor, na fé, na oração, no trabalho. Ela compreende Dona Yvette a partir do seu interior, e a vê corajosa no momento de provação da doença do seu esposo, Ela vê a qualidade do amor que Dona Yvette expressou por seu marido por um dom de si mesma a seu serviço, sem condições, nem limites até o fim de sua vida.

A “Virgem Maria” passa tempo com Dona Yvette em seus compromissos com a educação de seus filhos, com a preocupação de transmitir-lhes o amor e a fé. Ela reconhece como legítimas as escolhas que cada um fez na idade adulta, em sua liberdade, sua relação com os princípios recebidos. Escutando o relato de Dona Yvette, a “Virgem Maria” se lembra do momento em que Jesus, aos doze anos de idade, tinha se afastado dela e o quanto lhe custou se adaptar às suas palavras e ao seu comportamento.

Depois Dona Yvette continua sua história e fala com bondade dos seus antigos patrões, de seus filhos, e de sua equipe do Rosário... Então, a “Virgem Maria” contempla a qualidade do olhar de Dona Yvette que sabe reconhecer o que é belo e bom em cada um. No olhar de Dona Yvette, a “Virgem Maria” percebia o olhar de seu Filho Jesus, que olhava além das aparências as pessoas que encontrava e frequentava: um olhar que não julgava, mas dava confiança, coragem e fazia avançar. Foi por isso que a “Virgem Maria” não ficou surpresa ou ouvir Dona Yvette revelando-lhe a fonte de suas atitudes de amor, sua força e sua coragem. Então, as palavras de Maria exaltando o Senhor em seu Magnificat enchia naturalmente meu coração de visitante!

A ESPERA PELO DIAGNÓSTICO E O MISTÉRIO DA ANUNCIAÇÃO

Durante o encontro seguinte, Dona Yvette, cansada, sentia necessidade de expressar o que experimentava naquele momento:

“Há alguns meses, sinto-me cansada, com muitas dores nas costas. Eu gostava muito de caminhar, agora tenho dificuldade. Basta dar alguns passos e sinto-me cansada, sem fôlego... Não tenho apetite, Eu emagreci muito. Fiquei internada para exames médicos, mas isto não termina nunca... Estou cansada... Meus filhos estão inquietos... Não quero incomodá-los... Eles têm a vida deles...”

Então, perguntei-lhe: *A senhora está inquieta?*

- *“Para dizer a verdade, eu sofro... não sei o que tenho... os médicos não estão com todos os resultados... Vi meu marido sofrer. Tudo o que peço a Deus é para não sofrer muito e para não ser um peso para os meus filhos. Eles têm a vida deles e, eu não gostaria de afligi-los. Meu filho vem me ver quase todos os dias, depois do seu trabalho. Ele fica aqui um momento, tenta me ajudar a comer, mas eu não posso. Eu sei que isto o faz sofrer, mas eu não posso... Ele deve falar com o médico para obter informações sobre os resultados dos exames...”*

Perguntei-lhe novamente: *E como a senhora está vivendo esta expectativa dos resultados ?*

- *“Peço a Virgem Maria para me ajudar a aceitar o que Deus quiser”.*

Parecido com a Virgem Maria em Nazaré no dia da Anunciação, Dona Yvette se dispõe a acolher um anúncio.

O caminho de Dona Yvette não foi traçado com antecedência. Sua doença é uma experiência única, ela sabe que ela deve percorrer sozinha este caminho de vida, considerando esta nova realidade: ela identifica mudanças em seu corpo, as dores que certamente têm uma causa, um estado de cansaço e de fraqueza que não deixam prever nenhuma boa notícia. A expectativa pelos resultados está cheia de ansiedade, de dúvidas, de questionamentos, mas também de esperança. Esta espera parece-lhe interminável.

Muito lúcida, ela se prepara para o pior; ela sabe, por experiência, que a palavra do médico não será fácil de acolher. Muito próxima da Santíssima Virgem, Dona Yvette sabe que ela recebeu anúncios dolorosos ao longo de sua vida, começando pela profecia de Simeão no Templo de Jerusalém até a morte de Jesus na Cruz; no entanto, a Virgem Maria os assumiu com fé e coragem. A exemplo de Maria, nos momentos mais dolorosos da vida, Dona Yvette verifica estes pontos de apoio, em sua espera, Dona Yvette reza com Maria para continuar com confiança, neste momento de dificuldade.

No dia seguinte, Dona Yvette apresentava um olhar de preocupação, ela estava me esperando: “O médico passou; ele me disse que vamos começar um tratamento de quimioterapia e ver como eu reajo...”

Perguntei-lhe: - *Como a senhora está se sentindo diante deste fato?*

- *“Estou cansada, não tenho coragem para lutar, mas ao mesmo tempo, não quero afligir meus filhos. Minha filha teve muita dificuldade em aceitar a morte do pai. Ela está revoltada contra Deus. Por eles vou aceitar o tratamento e peço-lhe que me ajude, me acompanhe, que reze por mim, é muito importante para mim”.*

No hospital, Dona Yvette quer continuar a ser a Serva do Senhor. Como o Anjo Gabriel em Nazaré, o médico do hospital se aproximou de Dona Yvette como um mensageiro, mas, a notícia não era boa e a desestabilizou. Foi pior do que imaginava! Ela precisa de tempo para integrar todas as informações, é uma notícia grave. Dona Yvette deixa que a notícia seja internalizada em sua mente e em seu coração para compreender o sentido do anúncio e suas consequências.

Dona Yvette se pergunta o que o Senhor deseja dela, volta-se para a Virgem Maria e se lembra da profecia de Simeão: *“uma espada transpassará o teu coração”*. Ora a Virgem Maria não se deixou abater por este anúncio doloroso. Pelo contrário, forte em sua fé em Deus e na fidelidade de suas promessas, ela assegurou-lhe a disponibilidade interior para ir até o fim, em sua missão de Mãe de Jesus.

Apoiada em sua proximidade de coração com Maria, Dona Yvette decidiu seguir o seu exemplo: ela pensa, antes de tudo, em seus filhos; sua resposta será a expressão do seu amor por eles, ela escolheu não fazer sua vontade, mas a vontade daqueles que a amam: ela se compromete a combater o mal e, apesar da perspectiva de sofrimento que terá que atravessar, aceita o tratamento que lhe será proposto.

O PERÍODO DE INTERNAÇÃO E O MISTÉRIO DA VIDA QUOTIDIANA EM NAZARÉ

Os dias passam, o tratamento da quimioterapia começa. Dona Yvette sofre provações. A fraqueza do seu corpo e os inconvenientes do tratamento podem ser lidos em seu rosto. Ela espera minha visita diária para rezar comigo e receber a Santa Comunhão que a reconforta. Quando ela recebe a Eucaristia, seu rosto se ilumina por alguns instantes. Em seguida trocamos algumas palavras e depois ela fica em silêncio, como gosta de permanecer.

Os dias passam, seu estado não parece melhorar. Falamos do sacramento da Unção dos Enfermos que ela já recebera durante a sua peregrinação a Lourdes. Seus filhos lhe demonstram grande proximidade, muita atenção e delicadeza. Os netos lhes enviam desenhos cheios de corações e de palavras de amor. Alguns amigos a visitam. Dona Yvette se interessa pela vida de cada um; pede notícias das pessoas que conhece, sem jamais voltar a atenção sobre sua própria situação. O amor se expressa de maneira simples, sóbria e intensamente.

Como Maria em Nazaré, Dona Yvette aparenta viver uma vida normal, no hospital. Dona Yvette vive seu dia a dia no silêncio. O quarto no hospital se tornou sua casa. Não podendo mais falar com seus vizinhos e amigos, ela acolhe e escuta todos os que vêm visitá-la. Ela se interessa por suas alegrias e tristezas

e não lhes transmite o peso de sua fadiga. Em sua escuta, Dona Yvette não se detém a uma compreensão superficial do que se passa na vida daqueles que a rodeiam, ela se esforça para dar sinais de amizade e fidelidade. Ela não se queixa nem daqueles que vêm visitá-la, nem daqueles que parecem tê-la esquecido. Ela acolhe os presentes e as desculpas dos ausentes.

OS FILHOS DE DONA YVETTE ACOLHEM SUA MÃE EM CASA E O MISTÉRIO DE JOÃO QUE ACOLHE MARIA EM SUA CASA.

Os dias passam e novos exames estão previstos. A expectativa pelo resultado é para todos, um tempo de angústia; sem controle algum, medo e esperança se confundem. Pensa-se na pior das hipóteses... então, o médico declara para Dona Yvette, na frente dos seus filhos: “*O tratamento que está sendo realizado não produziu o resultado esperado*”; a doença continua o seu percurso.

Os filhos refletem com o médico e se esforçam para ver as possibilidades. Cuidados paliativos são previstos. Dona Yvette compreende que seus dias estão contados e deseja uma internação domiciliar. Seu filho decide acolher o pedido de sua mãe e assim que foi possível, ele a levou para sua casa. Ele organiza um quarto para ela, e sua esposa e os filhos estarão sempre próximos dela, além disso, a sua irmã virá vê-la sempre que possível.

Tudo está organizado para acolher Dona Yvette que a cada dia fica mais fraca. Ela fala pouco, mas compreende tudo. Ela fala sobre o benefício do acompanhamento espiritual e da oração e, deseja que este acompanhamento continue durante o tempo em que estiver na casa do filho. Os filhos querem ajudar sua mãe até o fim. Apesar da posição pessoal, em relação a Deus e à Igreja, eles aceitam a ideia de que alguém da paróquia venha regularmente visitá-la. Feito o contato com o pároco, um acompanhamento espiritual a domicílio se realiza.

Como o discípulo amado escutou as palavras de Jesus, os filhos de Dona Yvette escutam as palavras de sua mãe.

Acolhendo as palavras de sua mãe, que se aproxima da agonia, eles realizam todos os seus desejos. Dona Yvette constata a abertura de coração dos seus filhos e sua maneira de respeitá-la, escutando-a e atendendo aos seus desejos. Dona Yvette continua a fixar seu olhar sobre aqueles que fazem de tudo para ajudá-la, tanto da parte de sua família, como da parte da Igreja.

Como Maria ao pé da cruz se deixa acolher simplesmente pelo discípulo amado, Dona Yvette se deixar acolher por seus filhos sem se lamentar sobre seu próprio destino e sobre a doença que lhe atinge. Ela acredita na presença de Deus que não a abandona e que lhe dará as graças necessárias para viver o que terá que viver.

ACOMPANHAR A VIDA ATÉ O FIM E O MISTÉRIO DA PRESENÇA DE MARIA AO PÉ DA CRUZ

Dona Yvette foi recebida na casa de seu filho. Lá, tudo está organizado para garantir-lhe o máximo de bem-estar e de atenção, sobretudo, para respeitar a tranquilidade e o repouso de que ela tanto precisa. Os netos aceitam estas orientações. As visitas regulares dos agentes da Pastoral da Saúde são acolhidas com discrição pela família. Dona Yvette, esgotada, porém lúcida, espera o momento para se unir a Jesus e a Virgem Maria que tanto ama. Às vezes ela sente dores intensas. Ela dorme cada vez menos e o acompanhamento espiritual se resume em uma presença silenciosa, presença simples e fiel, os filhos são testemunhas.

Como Maria ao pé da Cruz de Jesus, a Igreja se mantém junto de Dona Yvette “na cruz”. Humilmente, por sua presença discreta, a Igreja testemunha o poder do Amor de um Deus que se mantém ao lado dos sofredores e dos mais fracos até o fim.

Como Maria se manteve diante de seu Filho na Cruz, a Igreja também se mantém em silêncio diante do corpo ressequido de Dona Yvette, meditando este mistério de Deus onde somente o Espírito pode fazer vislumbrar uma luz.

CRER NO PODER DO AMOR E O MISTÉRIO DA MORTE E DA RESSURREIÇÃO

Após três semanas, Dona Yvette entrega seu espírito nas mãos do Pai. No coração dos seus filhos, os sentimentos estão mesclados entre a dor da separação e o alívio de vê-la parar de sofrer; também o contentamento de ter podido acompanhá-la até o fim, manifestando-lhe assim o seu amor, o que desenvolveu em cada um o sentimento de paz e de comunhão profunda.

Durante a preparação das exéquias, os filhos de Dona Yvette expressaram seu agradecimento pela proximidade da Igreja e o acompanhamento dado. As palavras ditas foram sóbrias, mas, verdadeiras. De repente, impulsionada por um elã interior, a nora anuncia: “*De hoje em diante iremos à missa no domingo, e para o ano colocarei nossos filhos na catequese*”.

APÓS A MORTE DE JESUS, MARIA CONTINUA SUA MISSÃO AO LADO DOS DISCÍPULOS

Como Maria que após a morte de Jesus acompanhou os discípulos, uma equipe paroquial continuou a acompanhar os filhos da Dona Yvette, em nome da Igreja, tentando ficar próximo deles, sendo uma presença mariana que enxuga toda lágrima e abre caminhos de confiança. O vento de Pentecostes soprou sobre eles. Doravante, eles vão continuar o combate para permanecerem fiéis a este sopro que parece conduzi-los mais longe... Se eles continuarem acreditando, poderão contar ainda mais e sempre com a fidelidade da Virgem Maria que, ao pé da Cruz, recebeu esta missão de Jesus.

Irmã Elise BORTHEIRIE
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Cracóvia

Encontro dos Conselhos Provinciais Eslavos GRUPO BEM-AVENTURADA IRMÃ MARTA WIECKA

Realizou-se entre os **dias 18 e 22 de outubro de 2013** em Cracóvia o Encontro dos Conselhos Provinciais Eslavos, que contou com as presenças de: Irmã Evelynne Franc, Superiora geral, Irmã Zofia Daniskova, Conselheira geral e o Padre Patrick Griffin, Diretor geral. O grupo “Bem-aventurada Irmã Marta Wiecka” é formado pelas Províncias da Polônia, Chelumno, Cracóvia, Varsóvia, Eslováquia, Eslovênia e a Região da Albânia.

No dia 18 de outubro, após a Eucaristia presidida pelo Padre Jozef Lucyszyn, Diretor da Província de Cracóvia, os participantes se reuniram na sala de retiro para uma mútua apresentação. Para este encontro foram previstos: conferências, trabalhos de grupo e tempos de oração, reflexão pessoal e partilha; encontros com as crianças e jovens do “*Lar São Vicente*”; visita à cidade de Cracóvia e uma peregrinação ao Santuário da Divina Misericórdia e do Centro “João Paulo II”.

No dia seguinte, durante a Eucaristia, o Padre Patrick Griffin expressou em sua homilia: “*Na Palavra de Deus da liturgia de hoje, ouço o convite ao dinamismo na adesão e na proclamação da nossa fé; ouço também os apelos urgentes para nos deixarmos conduzir pelo Espírito Santo nos novos e empolgantes caminhos. Para mim, este ensinamento está relacionado ao chamado para a Nova Evangelização que exige de nós convicções firmes sobre Aquele em que acreditamos e um testemunho vivo de nossa fé*”.

Neste mesmo dia, Irmã Eveline em sua conferência, nos deu algumas pistas de reflexão sobre o papel da Visitadora no acompanhamento das Irmãs Serventes. Ela também apresentou muitos temas para reanimar a reflexão em nossas Províncias, neste tempo que precede a Assembleia geral. Refletimos sobre alguns temas em grupo, depois partilhamos com ela nossos pensamentos.

Na parte da tarde, os participantes visitaram o *Lar São Vicente* situado próximo da Casa Provincial; administrado pelas Filhas da Caridade e que acolhe jovens vindos de famílias em dificuldades. A responsável pela obra, Irmã Malgorzata junto com os voluntários apresentou o projeto educativo do Lar: esta obra destaca o esforço pessoal dos jovens e sua responsabilidade por sua própria vida. Os jovens também demonstraram suas capacidades e resultados dos trabalhos realizados em diferentes disciplinas, sobretudo esportivas.

No dia 20 de outubro, o Padre Patrick apresentou a Espiritualidade do serviço da autoridade apoiando-se na Palavra de Deus, no Magistério da Igreja e nos Fundadores. Destacou a necessidade de uma boa formação para este serviço, para vivê-lo na alegria e na fé. Neste mesmo dia, os participantes visitaram a cidade de Cracóvia, antiga cidade real.

Depois, um tempo recreativo, preparado pelas Irmãs Jovens da Província permitiu o conhecimento de algumas tradições polonesas. Finalmente, a noite festiva terminou com a apresentação da vida da Irmã Izabela Luszczkiewicz, Filha da Caridade de Cracóvia que passou longos anos na prisão e foi torturada por causa de sua ação em favor da libertação da Polônia, das mãos comunistas.

No dia 21 outubro, um novo dia de reflexão, de partilha e de avaliação. Após a Eucaristia celebrada no Santuário da Divina Misericórdia na capela de Santa Faustina, os participantes visitaram o Centro “*João Paulo II*” recentemente construído. Seu objetivo é promover e valorizar o patrimônio deixado por João Paulo II: espiritualidade, cultura, tradições ligadas a vida e ao seu pontificado.

No dia 22 de outubro, o Padre Patrick presidiu a Eucaristia e partilhou em sua homilia: “*Nosso ardente desejo é uma santa impaciência que nos impulsiona para o infinito. Quando temos este desejo por Deus, não nos sentimos cansados, mas, dinamizados. Percebemos o trabalho, o objetivo e os meios para realizar*”. Depois, Irmã Evelyne, Irmã Zofia e o Padre Patrick tiveram um tempo de partilha com as Irmãs em formação inicial e visitaram as Irmãs Idosas que os agradavam impacientemente.

Este encontro foi um tempo de graça, de aprofundamento da missão confiada pela Companhia; um tempo para escutar o que o Senhor diz hoje para a Igreja e para as Filhas da Caridade; um tempo para se conhecer ainda mais e estabelecer laços mais estreitos entre nossas Províncias.

Irmã Monika Dłubacz
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de San Vincenzo-Itália

Constituição de uma nova Província das Filhas da Caridade

de 30 de maio a 1º de junho de 2013.

No dia 30 de maio de 2013, na Casa Maria Immacolata em Roma, mais de duzentas Filhas da Caridade, representando as diversas Comunidades locais das três Províncias: Roma, Turim e Siena, se reuniram para erigir a nova Província San Vincenzo - Itália.

Irmã Maria Pia Bertaglia, Visitadora da Província de Turim, saudou em nome de todos os membros presentes a Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, a Irmã Rosa Maria Napolitano, Conselheira geral e o Padre Patrick Griffin, Diretor geral, que vieram de Paris para este acontecimento. Ela disse: “*Nós traçamos hoje, o caminho de uma nova Província. A Providência nos precedeu e nos acompanhou para atingirmos este objetivo. Hoje, vivemos um evento que marcará o início de outros acontecimentos. Com a graça de Deus, cultivamos um coração aberto, livre e acolhedor para acolher a todos os que batem a nossa porta, começando por nossas Irmãs. Devemos construir juntos uma nova Província: nossa força é a comunhão dos corações para encontrarmos e servirmos com amor todos os pobres*”.

Em seguida, Irmã Evelyne dirigiu a palavra a todas as Irmãs presentes e a todas as Irmãs que, pela Internet, puderam acompanhar ao vivo, o evento: “*Neste tempo de reestruturação das Províncias italianas,*

Santa Luísa tem muito a nos dizer. Todas nós desejamos aprender dela e de São Vicente, sob a proteção do qual foi colocada esta nova Província italiana”. Fazendo referência à experiência mística da *Luz de Pentecostes* e comentando o Testamento Espiritual de Santa Luísa, Irmã Evelyne falou da vitalidade do carisma, fruto do Espírito que age sempre na Igreja. Destacou a dimensão cristológica e eclesial da vocação e as virtudes específicas. Em seu comentário sobre o Testamento de Santa Luísa, ela insiste sobre a importância da vida espiritual, da mística do serviço e da fraternidade vivida no acolhimento e na confiança recíproca, na tolerância e na comunhão: *“o que transmitiremos pelas ações têm mais força do que o que expressamos por palavras”*. No contexto atual, deve-se destacar a dimensão evangelizadora da caridade: *“a ação caritativa e social começa pela coerência e o testemunho de vida”*. Finalmente, Irmã Evelyne convidou a redescobrir os escritos dos Fundadores e os documentos do Concílio Vaticano II.

Depois, o Padre Patrick Griffin, Diretor geral falou sobre os diferentes dons do Espírito que levam a seguir mais de perto o Cristo. Ele apresentou particularmente três dons do Espírito a partir da experiência vivida por três Filhas da Caridade: Margarida Naseau, Rosalie Rendu e Giuseppina Nicoli.

- Margarida Naseau, **tão zelosa**, é modelo de toda Filha da Caridade... *“Refletindo sobre a constituição de sua nova Província, Margarida Naseau nos ensina a determinação para ir lá onde se pede para ir e fazer o que é necessário”*.

- Irmã Rosalie Rendu deu testemunho de muita **esperança** e encorajamento, *“dons importantes para que uma Província saiba olhar para o futuro com fé e viver com coragem o presente”*.

- Irmã Giuseppina Nicoli sempre deu testemunho de uma grande **alegria** junto a todos os que a rodeavam: *“Uma comunidade alegre fala da felicidade de Deus”*.

Depois todos os participantes se reuniram na capela da Casa Maria Immacolata para a Eucaristia presidida pelo Diretor Geral. Após a proclamação do Evangelho sobre a cura do cego de nascença, o Padre Griffin comentou: *“Minhas Irmãs, assim como o cego de nascença, vocês também devem acreditar que Jesus as escuta, que está esperando que vocês lhe digam o que é importante para o futuro de sua nova Província e, que estejam prontas para acolher o que ele lhes dará...”*

Terminamos o dia com uma vigília de oração na Igreja paroquial de São Joaquim, com uma grande participação de paroquianos e membros das diversas associações vicentinas.

31 DE MAIO DE 2013: MOMENTO HISTÓRICO

No dia seguinte, 31 de maio, a celebração da festa da Visitação começa por um tempo de oração acompanhado de símbolos e gestos significativos: cada Visitadora das três antigas Províncias: Roma, Turim e Siena, entregou à Irmã Evelyne a lista de Irmãs e o projeto provincial. Depois cada uma levou um vaso com óleo e o derramou em uma lâmparina que Irmã Evelyne acendeu e ofereceu à Irmã Béatrice Priori designada como Visitadora da nova Província San Vincenzo - Itália.

Após a celebração da oração, duas Irmãs lembraram o caminho percorrido para reconfigurar as três Províncias italianas. Percurso marcado por decisões difíceis e escolhas corajosas. Em seguida Irmã Evelyne apresentou oficialmente a Visitadora com seu Conselho e o Diretor da nova Província San Vincenzo - Itália, constituída por 812 Irmãs e 69 comunidades locais.

UM CAMINHO ENTRELAÇADO

Irmã Béatrice Priori, acolhida por aplausos calorosos, dirige-se as suas Irmãs: *“Caminharei ao seu lado colocando-me totalmente à disposição da Província San Vincenzo-Itália, sem nenhuma reserva... não sei como as coisas irão acontecer mas, é em Cristo que apoio as minhas certezas... hoje, partimos com esperança, confiança, unidas colocamo-nos a caminho. O caminho entrelaçado requer adaptar os passos aos passos dos outros... Juntas, buscaremos o caminho que Deus quer que percorramos com Ele, para fazer a sua vontade”*. Depois ela agradeceu às Irmãs que deixaram a missão de Visitadora.

Finalmente, o Padre Passerini, Diretor provincial, falou às Irmãs: “Somos todos trabalhadores da vinha do Senhor, com nossas limitações e nossas riquezas”; destacou a importância de viver uma espiritualidade de comunhão e que a participação de cada uma é necessária para fazer um bom discernimento.

A BÊNÇÃO DA NOVA CASA PROVINCIAL

Após a Celebração Eucarística presidida pelo Padre Gregory Gay, Superior geral, aconteceu a bênção da Casa Provincial “Santa Luísa” da nova Província San Vincenzo-Itália.

O dia terminou com um concerto do coro “Notas Azuis” de San Ponziano, com um repertório musical variado, executado com arte e, com uma especial atenção voltada para a música e os textos vicentinos.

No sábado, 1º de junho, na Basílica de São Pedro, o Cardeal Angelo Comastri presidiu a Celebração Eucarística, da qual participaram as Irmãs e aproximadamente 700 membros da Família Vicentina.

Todas nós partimos para nossas casas com alegria no coração e com estas palavras de encorajamento da Irmã Rosa Maria Napolitano, Conselheira geral: “*Começa um novo Pentecostes para a Itália. Podemos voltar com a confiança e com o elã renovados*”.

Irmã Patrizia Bin
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Próximo-Oriente

Estar a serviço dos jovens em dificuldade em um Colégio egípcio.

No centro da capital do Egito, o Cairo, em um bairro pobre e muçulmano, junto à cidadela, encontra-se o Colégio São Vicente de Paulo. Ele acolhe desde o maternal até o último ano do ensino médio 1.220 alunos, de maioria muçulmana. Os alunos cristãos católicos são uma pequena minoria.

Somos quatro Irmãs que trabalham no Colégio São Vicente de Paulo em Helmieh e uma Irmã responsável por um dispensário que acolhe mais de 250 doentes por dia. O colégio recebe muitas crianças vindas de famílias pobres ou classe média. Oferece-lhes uma formação de qualidade que lhes permita ter um futuro melhor. A formação não se limita ao trabalho escolar, mas se estende ao desenvolvimento da personalidade de cada jovem para ajudar a desenvolver suas capacidades de acolhimento, de escuta e de compreensão. Promovemos os movimentos católicos tais como: o MEJ (Movimento Eucarístico Jovem), o escotismo e, sobretudo a JMV (Juventude Mariana Vicentina). Apresentamos-lhes o espírito vicentino, o amor a Deus e aos outros, sobretudo pelos mais desfavorecidos.

O colégio organiza aulas de reforço para as crianças e os jovens que estão em dificuldade escolar e lanches gratuitos para os mais pobres. Um dia, durante o recreio, vi duas meninas partilhando seus lanches com seus amiguinhos que nada tinham e depois, uma falou no ouvido da Irmã que um dos coleguinhas não tinha nada para comer. Sua atenção e sua generosidade me chamaram muito a atenção. Sempre fico muito emocionada com a gratidão dos alunos, muitas vezes pobres, quando terminam seus estudos e conseguem um bom posto de trabalho, voltam trazendo consigo dinheiro e dizendo: “*Foi graças às Irmãs que conseguimos ter um status na sociedade, então, agora é nossa vez, queremos permitir aos outros de terem a mesma oportunidade*”.

“*Nenhuma miséria nos deve ser estranha*”. Nosso serviço junto aos jovens nos coloca em contato com diferentes formas de pobreza: falta de amor, de segurança, de princípios ou de dinheiro. Damos catequese às crianças e aos jovens de um bairro pobre em Boulac, assim como trabalhamos na promoção das mães. Com eles, aprendi a ser mais sóbria, a me contentar com o que recebo e, sobretudo, a confiar na Providência.

Estes pobres que nada têm em suas casas me evangelizam quando, por ocasião das festas ou momentos de grande pobreza de sua família, distribuirmos-lhes cestas básicas, eles as recebem com sorriso nos lábios e ao mesmo tempo lágrimas nos olhos, dando graças a Deus, dizendo: “O Senhor visitou seu povo”.

O serviço dos pobres me edifica, pois é servindo os mais pobres que descubro a mão do Senhor que se estende aos meus “irmãos” e que somos apenas instrumentos em suas mãos, esforçando-nos para revelar-lhes o amor que Deus tem por eles. Apesar de sua difícil situação, os pobres confiam sempre em Deus.

Os acontecimentos que ocorrem no Egito há dois anos provocam desequilíbrios em todos os níveis, colocando os lares mais pobres em situações muito críticas: desemprego, falta de segurança, perseguição... Com os irmãos muçulmanos, o povo atravessa momentos terríveis: ameaças, casas arruinadas, Igrejas queimadas, mas eles não se deixam levar pela violência ou pelo sentimento de vingança, dizendo: “eles podem queimar as Igrejas, mas nossos corações e nossas casas serão Igrejas: porém, não podemos admitir que eles queimem o Egito”. Isto para mim foi uma lição de fé e de pertença. Doentes que vêm ao dispensário e os pais dos alunos muçulmanos manifestaram-nos seu amor e sua solidariedade. Assim, às vezes temos um sentimento de impotência, no entanto continuamos a crer que o Senhor caminha a nossa frente para nos ajudar a apoiar as pessoas que nos rodeiam. Com minhas Irmãs, dou graças a Deus pelo nosso Carisma que nos permite descobrir a dignidade dos pobres e sua capacidade de amar.

Irmã Hanane Adib
Filha da Caridade

HISTÓRIA DA COMPANHIA

FONTES E ATUALIDADE

Frederico Ozanam e Irmã Rosalie Rendu, um encontro providencial

Na Carta Encíclica *Deus caritas est*, o Papa Bento XVI afirma: “Ao início do ser cristão (...) existe um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”¹.

O Santo Padre fala aqui do encontro com o Verbo Encarnado, Jesus Cristo que transforma o cristão. Mas, ao longo da história, os encontros humanos providenciais proporcionaram às pessoas envolvidas um “novo horizonte e assim uma orientação decisiva”. Tal foi o encontro de Vicente de Paulo e Luísa no século XVII que os levou a quase 36 anos de amizade e colaboração a serviço de Jesus Cristo sofredor, na pessoa dos pobres. Com seus colaboradores, os Padres e os Irmãos da Missão e as Filhas da Caridade abriram um novo horizonte de proximidade para os mais abandonados e transformaram a imagem da caridade de sua época e mesmo para além dela.

Um outro encontro improvável, mas providencial aconteceu dois séculos mais tarde, em 1833, também na França, entre um jovem intelectual, Frederico Ozanam e Irmã Rosalie Rendu, uma simples Filha da Caridade que na época tinha quarenta e sete anos. Sua colaboração direta durou pouco tempo, mas levou a “Conferência da Caridade” a transformar-se na “Sociedade de São Vicente de Paulo” e a visão vicentina que trazia a marca do sonho de Frederico: “de abraçar o mundo inteiro numa grande rede de caridade”.

A história da origem da Sociedade é bastante conhecida e foi muitas vezes lembrada durante o ano passado, quando celebramos os 200 anos de nascimento de Frederico Ozanam. Agora, que as celebrações terminaram, voltemos mais a nossa atenção para o papel da Irmã Rosalie na formação, expansão e na visão da Sociedade de São Vicente de Paulo.

Começamos a prestar mais atenção a isto depois do dia 22 de agosto de 1997, ocasião em que o papa João Paulo II, durante a homilia da Beatificação de Frederico Ozanam, na Catedral Notre Dame de Paris, evocou o nome da Irmã Rosalie, dizendo: “Os vínculos entre vicentinos foram privilegiados desde as ori-

gens da Sociedade, pois foi uma Filha da Caridade, Irmã Rosalie Rendu, quem guiou o jovem Frederico Ozanam e os seus companheiros rumo aos pobres do bairro Mouffetard, em Paris"².

Quando Frederico e seus primeiros confrades percorreram o caminho até o escritório do jornal "*La Tribune Catholique*" (A Tribuna Católica) numa noite de 1833, eles já estavam conscientes de sua obrigação cristã: tornar suas vidas mais coerentes com suas palavras e encontrar-se com os pobres através da caridade. Também estavam atentos à vida e ao exemplo de Vicente de Paulo, Patrono das Obras de Caridade, sobre quem Frederico Ozanam dirá mais tarde: "Foi uma vida que deve ser continuada, um coração no qual devemos aquecer o nosso, uma inteligência aonde devemos buscar luzes"³.

Seu conselheiro e guia espiritual Emmanuel Bailly, proprietário do jornal, certamente tinha percebido isto. Em sua juventude, Bailly tinha pensado em se tornar Padre da Congregação da Missão, conhecida em França como os Lazaristas. Ainda que nunca tenha entrado para a Congregação, seu processo de discernimento lhe permitiu aprofundar seu amor e sua veneração por São Vicente de Paulo, fazendo assim eco a uma longa tradição da casa de sua família. De fato, seu filho mais velho receberá o nome de Vicente de Paulo.

Frederico entrou em contacto com Bailly em 1830, pouco depois de sua chegada a Paris, para continuar seus estudos de Direito na Sorbonne. Ele tinha apenas dezoito anos, estava com saudades de sua terra natal, e consternado com Paris, "uma das capitais da incredulidade", violentamente anticlerical. Bailly era um antigo professor de filosofia no Colégio oratoriano, escola secundária para meninos, que ficava em Juilly bairro da periferia de Paris. Em 1830, ele abriu uma pensão familiar adjacente a sua própria casa, 11 Place de l'Estrapade, próximo da Faculdade de Direito e do Panteão, para hospedar os estudantes na capital. No início, foi um lugar de atividades espirituais e intelectuais e, posteriormente uma obra de caridade. A experiência pessoal de Bailly, como educador e membro de associações consagradas ao apostolado de serviço aos pobres, o preparou muito bem para ser o conselheiro espiritual dos primeiros membros da jovem "Sociedade de São Vicente de Paulo".

Além disso, Bailly e sua esposa conheciam muito bem a Irmã Rosalie e partilhavam do seu amor e do seu desejo de socorrer os moradores do bairro Mouffetard, considerado o mais miserável de Paris. Sua reputação de "Apóstola do bairro Mouffetard" foi solidamente estabelecida a partir de 1833 e a pequena casa das Filhas da Caridade da rua l'Épée-de-Bois tornou-se a "sede social da caridade" da capital francesa. Ela atraía os ricos e poderosos assim como as pessoas desesperadas e pobres, os jovens e as pessoas idosas, os estudantes e seminaristas, homens e mulheres, todos foram em níveis diferentes elementos essenciais para a rede de caridade da Irmã Rosalie.

Certamente que Ozanam e seus companheiros ouviram falar sobre ela, principalmente, depois que o seu grupo se dedicou às obras de caridade. A partir do momento que se tornou evidente que estes jovens estavam prontos para este novo empreendimento, Bailly, naturalmente, os enviou à Irmã Rosalie. Foi assim que, nestes primeiros dias, Frederico e seus companheiros passaram a ser chamados de "os auxiliares das Irmãs da Caridade"⁴.

Vejamos agora, como a visita aos pobres em domicílio, primeira obra das Damas da Caridade (1617) e das Filhas da Caridade (1633) se tornou o serviço por excelência da Sociedade de São Vicente de Paulo.

A Casa da Caridade da rua l'Épée-de-Bois é o local por excelência onde estes rapazes começam o seu serviço com um espírito vicentino, não somente por causa da total dedicação de Irmã Rosalie ao serviço dos pobres, mas porque existia nesta casa uma tradição em acolher os jovens estudantes católicos, para iniciá-los no serviço junto aos mais pobres. Na biografia de Ozanam, Henri-Dominique Lacordaire, O.P, descreve os primeiros passos dos membros fundadores:

*"Estas oito noites (na verdade, sete,) foram, portanto, inspiradoras para provar, mais uma vez, que o cristianismo pode realizar em favor dos pobres o que nenhuma doutrina pôde fazer antes dele e depois dele; enquanto os inovadores se esgotam em teorias que deveriam mudar o mundo, os mais modestos se dispõem a subir os andares onde se esconde a miséria do bairro. Víamos, os calouros de ontem, no auge de sua idade, frequentar sem aversão os mais miseráveis e, levar aos moradores que conheciam apenas a penúria, a visão da caridade"*⁵.

Irmã Rosalie, por sua parte, acolhe de braços abertos e com o coração cheio de alegria estes valentes rapazes. Ela diz com frequência às suas companheiras: “Ó! Como esses jovens são bons! Ó! Como são bons!” As necessidades dos pobres do bairro Mouffetard são tão grandes que não falta trabalho para esses generosos e apaixonados voluntários. Mas, devemos nos lembrar de que eles eram jovens, originários das províncias de França, que não tinham nenhuma experiência de Paris, muito menos desses bairros, tais como o bairro Mouffetard, onde uma multidão que tinha vindo para a capital, atraída pelas promessas ilusórias da Revolução industrial, se aglomeravam em miseráveis casebres onde estavam entregues à indigência, à doença e ao crime.

Como estudantes, tinham pouco dinheiro e escassos recursos para levar às pessoas que esperavam ajudar. Eles passaram a frequentar com entusiasmo a escola da Irmã Rosalie. Então orientados por Irmã Rosalie e acompanhados pelas Irmãs da Casa da rua l'Épée-de-Bois, começaram seu aprendizado de servos vicentinos dos pobres. A conferência da Caridade estava evoluindo para se tornar a Sociedade de São Vicente de Paulo.

Mesmo o escritório da beneficência que o Governo de Napoleão tinha criado em cada bairro para supervisionar as casas de caridade, considerava o projeto, bastante favorável. Um certo senhor Lévêque, amigo de Bailly, conta que:

*“Durante sete ou oito anos como administrador do Escritório da Caridade, do bairro XII, atendia-se... entre 450 a 500 famílias indigentes, para as quais a Irmã Rosalie foi, visivelmente, a mão da Providência para as famílias dignas de maior interesse. Pedi a Irmã Rosalie para fazer uma seleção e colocar a Conferência em contato com aquelas que ela supunha estar mais disposta a acolher as visitas dos novatos nesta prática da caridade”*⁶.

Deste modo, o pequeno grupo, que não tinha experiência, se tornou o elo desta colaboração, já fecunda, entre Irmã Rosalie e as Irmãs da Casa da rua l'Épée-de-Bois e a administração do escritório de beneficência. Eles prestavam um serviço importante distribuindo vales de alimentação, roupas, cobertores e lenha para uso doméstico, aos moradores do bairro que estavam cadastrados. No entanto, os beneficiários deveriam ir pessoalmente ao escritório para receber a sua doação, mas, a maioria era idosa ou doente. Irmã Rosalie tinha convencido o administrador para lhe confiar sua distribuição, poupando assim, os “queridos pobres”, deste fardo suplementar. Em troca, ela forneceria aos membros da Sociedade, alguns destes vales, autorizando-os a obter as ajudas e levá-los aos pobres.

Talvez seja interessante destacar que no momento da beatificação da Irmã Rosalie, os descendentes de um dos administradores, senhor Colette de Beaudicourt, entregaram à Casa-Mãe das Filhas da Caridade, 405 pedidos de vales que ele havia recebido de Irmã Rosalie, detalhando as necessidades de cada pessoa e como o dinheiro deveria ser dividido. É interessante que o senhor de Beaudicourt tenha conservado o que parece ser apenas uma correspondência de negócios. Este gesto revela uma das grandes qualidades da Irmã Rosalie: sua aptidão para colaborar com as autoridades do governo, quaisquer que fossem suas convicções políticas. E, o governo em exercício na França mudou com frequência e radicalmente ao longo dos cinquenta anos que ela morou na rua l'Épée-de-Bois.

Pessoalmente, ela era apolítica. Para ela o que importava era lembrar ao governo vigente suas obrigações para com os cidadãos mais pobres. O senhor de Beaudicourt e outros em sua posição, inclusive os anticlericais mais radicais, admiravam e respeitavam sua atenção que sempre esteve voltada para os “queridos pobres”. Também foi uma valiosa lição para Frederico e seus companheiros quando começaram a caminhar nas águas turvas da ajuda pública e privada. Logo, aprenderam que, apesar de sua generosidade e dedicação eles não podiam atender somente ao socorro de primeiras necessidades. Uma rede de caridade era essencial. Armand de Melun, o colaborador próximo de Irmã Rosalie durante 18 anos e membro da Sociedade desde 1839, diz na biografia que escreveu sobre ela, como sua conselheira percebia esta necessidade:

“Aos seus olhos, eram necessárias todas as forças da caridade pública e privada para lutar contra a invasão do pauperismo: a cooperação da Igreja, do Estado, das associações privadas, parecia-lhe indispensável contra um tão grande inimigo. Ela não compreendia porque neste terreno as rivalidades, as oposições,

as invejas e o medo de ver os auxílios das esmolas se esgotarem por uma multiplicação de obras. A caridade é como Deus: quando mais lhe pedimos, mais ele nos dá"⁷.

Irmã Rosalie não somente indicava as famílias e os vales para a alimentação e roupas, como também, compartilhava com os jovens estudantes suas convicções profundas sobre a maneira como cada pessoa deve ser socorrida. Isto deveria estar no espírito de São Vicente de Paulo que ensinava aos seus colaboradores para jamais considerar a aparência ou o comportamento dessas pessoas reduzidas à miséria: "virai a medalha e vereis pela luz da fé que o Filho de Deus que quis ser pobre, nos é representado por esses pobres"⁸.

Segundo Armand de Melun, quando ela se encontrava com os membros da Sociedade, sozinhos ou em grupo:

"...Recomendava-lhes a paciência, para que jamais acreditassem perder tempo ao escutar o pobre. Porque esse já encontra uma consolação na boa vontade que se tem ao escutar o relato de suas penas; a indulgência, mais levada a lamentar que condenar as faltas que uma boa educação não evitou, e enfim a delicadeza, a mansidão com aquele que jamais encontrou outra coisa senão o desdém e o desprezo".

Então, ela continuava a defender seus "queridos pobres":

*"Oh! Meus queridos filhos..., amem os pobres, não os acuse muito. É culpa deles, diz o mundo; eles são indolentes, pouco inteligentes, viciados e preguiçosos. É com tais palavras que nos dispensamos do dever tão restrito da caridade: odiai o pecado, mas amai os pobres. Se tivéssemos passado pela provação que esta pobre gente passa, se tivéssemos crescido como eles, longe de toda inspiração cristã, estaríamos longe de valer como eles"*⁹.

Eles a escutavam! Estes intelectuais da Sorbonne, estas elites do Direito e da Medicina se colocavam na escola desta humilde Filha da Caridade, cujo nível de estudos era bastante modesto. Seu nome abria-lhe as portas dos casebres, de moradores desesperadamente pobres do bairro Mouffetard. Devido à confiança que esses "queridos pobres" tinham em Irmã Rosalie, eles podiam confiar nesses jovens. Após visitá-los, os estudantes voltavam para a sua pequena sala para contar o que tinha acontecido e para receber seus conselhos e encorajamentos. Muito antes do Vaticano II, Irmã Rosalie e seus jovens colaboradores praticaram "a reflexão apostólica", partilhando os acontecimentos e as situações vividas juntos, no serviço aos mais abandonados, para discernir mais claramente o que a Vontade de Deus lhes pedia. Este costume se estendeu amplamente nas paróquias e nas congregações religiosas nos últimos anos. Mas, no tempo da Irmã Rosalie isto não era tão corrente, Esta prática respondia também aos críticos da Irmã Rosalie que a acusavam de ativismo. Nem ela, nem seus colaboradores jamais perderam de vista o fundamento espiritual de seu serviço. Sob sua orientação, a Sociedade tomou forma de tal maneira que cada membro se esforçou para que o "objeto pacífico fosse o culto a Nosso Senhor Jesus Cristo, na pessoa de alguns pobres"¹⁰.

Como sempre Irmã Rosalie não busca nenhum reconhecimento pelo bem realizado. Sua alegria é ver o trabalho de Deus, junto aos seus "queridos pobres", sendo realizado através destes dedicados jovens. Mais uma vez, é Armand Melun que nos relata a reação de sua amiga:

*"Vendo tantos pobres sendo levados à Igreja para serem cuidados por esta conferência, tantas crianças enviadas às escolas cristãs, tantos operários envolvidos nas associações piás; vendo, sobretudo, os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo apoiar-se mutuamente contra as fraquezas do respeito humano, seguindo a lei que ensinam aos seus pobres, praticando as virtudes que eles pregavam, ela abençoava este jovens e agradecia ao seu santo patrono por ter deixado vir sobre eles um sopro do seu espírito e um raio de sua caridade"*¹¹.

Irmã Saillard, companheira da Irmã Rosalie, da rua l'Épée-de-Bois, segundo a sua experiência pessoal, acrescenta:

*"Algumas vezes, Irmã Rosalie contava a alegria que sentia ao ver jovens como o senhor Ozanam, ... levar socorro aos pobres, carregando em seus ombros a lenha, felizes, em deixar em suas pobres casas"*¹².

A obra de visitar os pobres em suas casas crescia sob os conselhos e encorajamentos regulares da Irmã Rosalie. O número de rapazes comprometidos também aumentava, passando de sete no primeiro encontro para aproximadamente setenta em maio de 1834¹³. Enquanto este aumento era acolhido e que cada vez

mais os moradores do bairro Mouffetard eram servidos, administrar este crescimento tornou-se uma atividade difícil para a Sociedade nascente. A questão era: como manter ao mesmo tempo o serviço aos pobres e os encontros que se tornavam pesados? O apoio mútuo entre os membros permanecia um elemento essencial do seu serviço, também a sua preservação tornou-se a preocupação maior à medida que o número de membros aumentava.

Pensamentos de reorganização e de expansão começam a ser formulados. Em uma Carta a Ernest Falconnet, Ozanam adianta a ideia de propagar em toda a França “uma vasta associação, generosa para o alívio das classes populares”¹⁴. Devemos lembrar-nos de que quando ele utiliza o termo ‘classes populares’, refere-se à definição proposta por Paul Droulers, S.J., em sua obra intitulada: *Política social e cristianismo*, a saber: “na linguagem corrente, esta expressão é sinônimo de ‘pobres’ e esta pobreza se torna miséria, falta do necessário para viver, do mínimo de recursos, mesmo para alguns dias”¹⁵. Foi para melhor responder às necessidades urgentes destas pessoas que tinham “muitas necessidades e poucos direitos”¹⁶ que, convencido disto, Ozanam sonhou com uma Sociedade onde, um dia poderia “reunir o mundo em uma grande rede de caridade”¹⁷.

Assim, no dia 3 de novembro de 1834, de Lyon, Ozanam escreveu a Bailly abordando prudentemente a eventual divisão da Conferência, dizendo-lhe: “São muitos os que participam da reunião da caridade, poderíamos subdividi-la em secções”¹⁸. Ele deseja proceder lentamente para não precipitar seu conselheiro. No encontro de 16 de dezembro, Ozanam apresentou a ideia ao grupo. A discussão foi muito intensa e a profundidade da oposição visível. O grande medo parecia ter enfraquecido os laços de amizade e de apoio que existiam entre os membros, desde o início.

Nada foi decidido neste encontro, nem nos dois seguintes. Comissões foram criadas, relatórios foram fornecidos e finalmente, após as emoções passadas, ficou decidido continuar com duas secções. Bailly permaneceu presidente das duas secções. Ozanam se tornou o vice-presidente da primeira secção, a Conferência de Saint-Etienne-du-Mont, enquanto Levasor será o vice-presidente da segunda secção a Conferência Saint-Sulpice. Cada secção realizará sua própria reunião no dia 3 de março.

A pequena Conferência da Caridade tinha sobrevivido à sua primeira crise, uma crise de crescimento. Doravante, ela poderá se estender por toda Paris, em toda a França e finalmente, em todo o mundo e receber “em seu meio todos os jovens cristãos que queiram se unir na oração e participar das obras de caridade em qualquer país, onde quer que se encontrem”¹⁹.

Com a divisão, a Sociedade de São Vicente de Paulo adquire sua verdadeira fisionomia. Ela não será mais limitada à Paróquia de Saint-Etienne-du-Mont. De fato, Irmã Rosalie pedirá e receberá uma Conferência para a Paróquia Saint-Médard. Agora, os estudantes virão da Escola Politécnica e da Escola Normal Superior ao invés da Sorbonne. Não conhecemos a data exata de sua implantação, mas Ozanam se refere a ela como a “mais piedosa Conferência da capital”.

A questão é saber qual foi o papel da Irmã Rosalie e se ela teve alguma influência no processo que conduziu a divisão da Sociedade. As Atas das sessões referentes ao assunto não a mencionam²⁰. Mas, o relatório de um membro, Claudius Lavergne, dirá até mesmo que, a unanimidade foi atingida quando souberam que Irmã Rosalie era favorável à divisão²¹. Não é nossa intenção aqui entrar no debate em torno deste assunto. Parece-me que mesmo se o nome da Irmã Rosalie não tenha aparecido na Ata, ela pode ter influenciado no resultado. De fato, ela desejava ardentemente uma conferência em Saint-Médard e trabalhava estreitamente com todos aqueles que estavam comprometidos com a conferência. Ela compreendia a importância do apoio mútuo no serviço exigente que estes jovens realizavam. No entanto, sua visão foi sempre a mesma: um melhor serviço para os pobres. Se ela acreditava e, isto parece evidente, que a divisão do grupo atingiria este objetivo, certamente que ela discutiu sobre o assunto com os membros. Portanto, de uma maneira ou de outra, ela realizou um papel significativo neste momento decisivo da história da Sociedade.

Se a escola e o dispensário eram aspectos essenciais do serviço que realizavam Irmã Rosalie e suas Irmãs companheiras na pequena casa da rua l'Épée-de-Bois, visitar os moradores do bairro Mouffetard, atingidos pela pobreza, em seus casebres que eles chamavam de casa, era sua atividade principal. Esta será a atenção primordial do serviço dos jovens “Vicentinos” que partilhavam com as Irmãs e outros voluntários que vinham a casa para se formar e se tornarem servos e servas dos pobres.

Existe um quadro do artista americano Gary Schumer chamado: “Visita a domicilio” que ilustra esplendidamente isto e que circulou muito, no ano passado, durante as celebrações de aniversário de 200 anos de nascimento de Frederico Ozanam. Este quadro mostra Frederico vestido com seu traje acadêmico, fazendo uma visita a domicilio no bairro Mouffetard, acompanhado por dois estudantes; um leva uma lousa para dar aula particular, para instruir um menino e, o outro leva uma cesta de pão para a família. Ao fundo vemos dois conselheiros da Sociedade: Emmanuel Bailly com uma cartola e Irmã Rosalie Rendu, simples Filha da Caridade.

Ozanam tinha concluído seu doutorado em Direito na Sorbonne em 1836. Três anos mais tarde, ele obtém o doutorado em Literatura. Em 1841, começa a ensinar Literatura estrangeira na Sorbonne e em 1844 se torna professor titular da cadeira de Literatura. Foi professor dedicado que não somente ensinava a literatura de maneira brilhante, mas também inspirava seus estudantes a se colocarem no serviço direto dos pobres. O próprio Frederico estimava ter as qualidades exigidas para abordar as questões de justiça social dos trabalhadores pobres porque ele conhecia seus sofrimentos, tinha constatado pessoalmente. Ele encorajava seus estudantes a frequentarem paralelamente a escola da Irmã Rosalie e aprender no bairro de Mouffetard, ao lado dos seus moradores submetidos à miséria, os terríveis problemas que tinham que enfrentar e trabalhar para resolvê-los.

E foi o que fizeram. Quando terminaram seus estudos e voltaram para suas casas, fundaram Conferências em suas próprias paróquias. Na morte de Frederico Ozanam em 1853, vinte anos depois que ele e outros jovens, membros fundadores se aproximaram da Irmã Rosalie para se beneficiar de seus conselhos e de seu apoio, a Sociedade de São Vicente de Paulo se expandia pelos cinco continentes. O sonho que Frederico teve para a sociedade “de reunir o mundo em uma grande rede de caridade”²² tornou-se uma realidade.

Se as visitas a domicílio permanecem primordiais para o serviço das Irmãs e dos seus generosos voluntários, os acontecimentos, às vezes, dominavam e os obrigavam a reorientar suas prioridades, ao menos por um tempo. Frederico chegou a Paris em 1830, quando uma nova Revolução atingia a capital. Os anos seguintes até a Revolução de 1848 foram cheios de tormentas. Este foi o período das barricadas onde ocorreram as proezas da Irmã Rosalie, a heroína. Foi o momento em que Ozanam assume a palavra para defender as classes populares e a causa da justiça social: sua credibilidade se enraíza em seu serviço direto com os moradores do bairro Mouffetard, já bastante provados. Em 1839, Armand de Melun se tornou membro da Sociedade. Em 1848, ele foi eleito na Assembleia Nacional e ficou conhecido por ter aprovado uma impressionante quantidade de leis relativas à legislação social daquela época. Ele conhecia as necessidades fundamentais dos pobres e as possíveis soluções para os problemas, seguindo os conselhos da Irmã Rosalie e para isto foi capaz de convencer seus colegas afortunados na Assembleia a apoiá-lo. No entanto, ainda que Irmã Rosalie se mantivesse apolítica, ela teve uma profunda influência sobre o pensamento social católico e a legislação de seu tempo.

Como se a guerra não fosse o bastante, as inundações, a fome, os invernos glaciais, e três epidemias de cólera (1832, 1849 e 1854) dizimaram milhares de pobres e fizeram outros tantos infelizes. O heroísmo que tinha caracterizado Irmã Rosalie durante as Revoluções, se renovaria, pois ela mesma e suas Irmãs da Comunidade, assim como os numerosos colaboradores, lutaram contra este inimigo invisível. Ela não tinha medo de subir nas barricadas, nem temia correr o grande perigo de socorrer incansavelmente e reconfortar os doentes, os moribundos e suas famílias, e mesmo de enterrar os mortos do bairro Mouffetard que foi particularmente assolado pelas epidemias.

Em um *Boletim da Sociedade de São Vicente de Paulo* de 1849, Frederico Ozanam relata o trabalho dos confrades durante a epidemia. Durante um período de dois meses, alguns ficaram sob as orientações e a direção da Irmã Rosalie, assim “como os primeiros fundadores da Sociedade tinham feito quinze anos antes”²³. Quando os pedidos de ajuda, mesmo de fora de Paris, chegavam até Irmã Rosalie ela enviava alguns dos seus auxiliares, ainda que isto aumentasse o trabalho daqueles que permaneciam no bairro Mouffetard. Assim, mais de duas mil vítimas receberam ajuda material e espiritual. Além da alimentação, de medicamentos, ela lhes dava esperança e “a fé reapareceu nas casas que eram visitadas”²⁴.

Quando a cólera atacou novamente em 1854, Irmã Rosalie estava com 68 anos e sua saúde declinava. No entanto, ela, suas companheiras, os médicos, estes bravos e dedicados voluntários, inclusive os mem-

bros da Sociedade, trabalharam sem descanso para levar socorro às vítimas e dar apoio aos sobreviventes desta devastação de 1854. No dia 16 de agosto, ela escreveu ao Pároco de Confort, sua cidade natal: “Estamos muito ocupadas e a cólera só aumenta. Perdemos muitas pessoas, só existe desolação”²⁵.

Uma vez terminada esta epidemia, como as precedentes ela deixou para trás desolação e miséria. Aqueles que trabalhavam ao lado da Irmã Rosalie ou sob sua direção, entre eles os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo, mesmo após a morte do seu principal fundador, Frederico Ozanam, que ocorrera no ano anterior, continuaram a lutar com ela, para aliviar a população do bairro Mouffetard que tantos estragos tinha sofrido.

Ainda que não sejam explicitamente mencionados, existem duas outras áreas onde a influência da Irmã Rosalie sobre Frederico e os primeiros membros da Sociedade foi certamente essencial: o Patrocínio de São Vicente de Paulo e o Regulamento de 1835. Vejamos isto, resumidamente:

Primeiro, o *Patrocínio de São Vicente de Paulo*. Desde o início, os membros da Conferência da Caridade tinham uma devoção por São Vicente de Paulo, que sem dúvida, foi devida à influência de Emmanuel Bailly, cuja espiritualidade e serviço estavam impregnados de seu espírito. Mas, isto foi devido mais particularmente à Irmã Rosalie que guiava com mansidão estes generosos e entusiasmados jovens a se tornarem “vicentinos”. Entrando nos casebres do bairro Mouffetard, eles se esforçavam para descobrir a Imagem do Cristo sofredor nos rostos desfigurados daqueles que os rodeavam. Eles aprenderam de Irmã Rosalie que a caridade não é filantrópica, nem socialista. Ela é muito mais do que isto e só pode ser alimentada pela fé, pela firme convicção de que serviam Jesus Cristo na pessoa dos pobres. Uma carta de Ozanam revelou exatamente o quanto esta verdade tinha sido compreendida. Ele escreve:

*“Parece que é preciso ver para amar, e nós não vemos Deus senão pelos olhos da fé e, a nossa fé é tão fraca! Mas, os pobres, a esses nós os vemos com os olhos da carne! Estão ali e podemos pôr o dedo e a mão, nas suas feridas....e dizer-lhes como o apóstolo: ‘Tu es Dominus et Deus meus - Meu Senhor e Meu Deus’”*²⁶.

No entanto, a Sociedade só foi colocada oficialmente sob o Patrocínio de São Vicente de Paulo no dia 4 de fevereiro de 1834. A proposição não veio de Ozanam, nem de Bailly, e certamente também não veio da Irmã Rosalie. De acordo com a Ata a proposta veio de Jean-Léon Le Prevost que, “fazendo-se porta-voz de muitos membros, pede para que a Sociedade seja colocada sob o patrocínio de São Vicente de Paulo e celebre sua festa e... que uma oração seja feita, no começo e no fim de cada sessão”²⁷.

A Ata continua: “nenhuma proposta não poderia ter sido melhor acolhida pela Sociedade, todas as observações as quais ela suscitou se resumem na felicitação e nos elogios para o membro que é o autor”²⁸. É importante observar que esta proposta e a que foi emitida por Ozanam para que a Sociedade fosse colocada sob a proteção da Santíssima Virgem Maria foram as “primeiras aprovadas por unanimidade”²⁹ pelos membros.

A proposta de Le Prevost é uma espécie de batismo para a Sociedade. O patrocínio de São Vicente é oficial e a “Conferência da Caridade” torna-se então a “Sociedade de São Vicente de Paulo”. Cada vez mais, os confrades vão buscar suas inspirações em Vicente. Em 1838, Ozanam confirmará: “Leremos, agora, em nossas reuniões a vida de *São Vicente de Paulo*, em vez da *Imitação de Cristo*, para melhor nos impregnar dos seus exemplos e de suas tradições”³⁰.

Os membros da Sociedade que não paravam de crescer tinham aprendido muito bem da vida e as obras de Vicente de Paulo, mas também dos exemplos vivos do seu espírito e de suas tradições na pessoa de Emmanuel Bailly e sobretudo na da Irmã Rosalie. De fato, eles se tornaram “vicentinos” estando ao lado deles e sob as suas orientações. Seus esforços combinados são perfeitamente descritos por Georges-Albert Boissinot, S.V., biógrafo de Jean-Léon Le Prevost, um dos mais próximos colaboradores da Irmã Rosalie, que foi ordenado padre e fundou os Religiosos de São Vicente de Paulo.

Emmanuel Bailly, Frederico Ozanam, Irmã Rosalie Rendu, Jacob Libermann [Fundador dos Espiritanos] Jean-Léon Le Prevost, ... [e poderíamos acrescentar certamente Armand de Melun], que equipe de

apóstolos e de santos personagens percorriam os arredores do Panteão e da rua Mouffetard, a chamada rua das revoluções!”³¹.

Segundo: *o primeiro regulamento da Sociedade de São Vicente de Paulo*. A expansão da sociedade desde a primeira Conferência da Caridade em uma organização de muitas Conferências que se estendeu de Paris até outras províncias, levou a realização de certa forma de regra que se confirmaria essencial para manter o espírito original. Assim, em 1835, Emmanuel Bailly, François Lallier e Frederico Ozanam ficaram responsáveis por esta tarefa.

Como para a primeira regra das Filhas da Caridade, o primeiro regulamento da Sociedade é o fruto da experiência vivida. Depois de dois anos de existência, os primeiros confrades doaram-se a Deus para servir Jesus Cristo na pessoa dos Pobres, sob a orientação da Irmã Rosalie. Esta humilde Filha da Caridade foi o exemplo dos atributos fundamentais para o serviço vicentino. Mas, estava na hora de codificar esta experiência para o efetivo dos membros sempre crescente, em especial para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer ou trabalhar ao lado da Irmã Rosalie. Seu desejo consistia em dar uma forma e uma estrutura à Sociedade nascente e de esclarecer a identidade dos membros como vicentinos.

Dois anos de experiência de trabalho com Irmã Rosalie e as Irmãs da rua l'Épée-de-Bois tinham mostrado aos membros que, mesmo com zelo e generosidade, eles não poderiam responder a todas as necessidades. Assim, permanecendo ao mesmo tempo abertos ao espírito que lhes permitia descobrir o rosto sempre em mutação da miséria, estabeleceram objetivos:

Jesus Cristo quis primeiro praticar o que Ele deveria ensinar... nosso desejo é imitar este divino modelo de acordo com nossas fraquezas e nossas forças. O objetivo da Conferência é, portanto:

1- Manter seus membros através de exemplos e conselhos mútuos, na prática de uma via cristã;

2 - Visitar os pobres em suas casas, socorrê-los com gêneros alimentícios e dar-lhes também consolação religiosa...;

3 - Aplicar-nos, segundo nossas capacidades e o tempo de que dispomos, à instrução elementar e cristã das crianças pobres, sejam livres ou prisioneiras...;

4 - Distribuir livros morais e religiosos;

5 - Aplicar-nos a todos os tipos de obras de caridade nas quais bastariam nossos recursos que não contrariam o objetivo primeiro da sociedade...³²

No regulamento de 1835 os membros são convidados a praticar “todas as virtudes”, mas, seis são consideradas como as mais necessárias para realizar as obras de caridade, que são: a abnegação de si, a prudência cristã, um amor eficaz ao próximo, o zelo pela salvação das almas: a mansidão do coração e das palavras e, sobretudo o espírito de fraternidade³³.

Todas estas virtudes, os jovens confrades tinham aprendido na escola da Irmã Rosalie e, portanto, nenhum dos três autores do regulamento de 1835 tinham lido a primeira regra das Filhas da Caridade. Ela não circulava fora da Comunidade. Todavia, trabalhando com a Irmã Rosalie e as outras Filhas da Caridade, eles foram testemunhas da aplicação destas regras através da maneira de ser e de servir os pobres. Os ecos desta regra de vida são visíveis no texto de 1835: Jesus Cristo amado e servido na pessoa dos pobres; Jesus Cristo, modelo de toda caridade; humildade, simplicidade, doçura, compaixão, respeito e devoção no serviço dos pobres; amor ao próximo unido ao zelo pela salvação das almas; serviço ao mesmo tempo “corporal e espiritual” e finalmente a caridade, a união entre os membros para apoiar-se mutuamente no serviço dos pobres”³⁴.

Em menos de dois anos, os jovens confrades da Sociedade já haviam assimilado muito bem as qualidades indispensáveis para o serviço vicentino. Doravante, estavam preparados para compartilhar um regulamento oficial com outros membros, muitos dos quais nunca tinham percorrido as ruas do bairro Mouffetard, nem subido escadas inseguras que conduziam aos miseráveis casebres, nem vivido diretamente sob a suave conduta da Irmã Rosalie, quando iam levar o socorro e o reconforto aos moradores desesperadamente pobres. Como as primeiras regras das Filhas da Caridade, o regulamento da Sociedade de São Vicente de Paulo foi

submetido a algumas revisões ao longo dos anos, mas nos dois casos, o essencial permaneceu e sempre encorajou a retomar o espírito primitivo. A beatificação da Irmã Rosalie em 9 de novembro de 2003 ajudou os membros da Família Vicentina a redescobrir suas raízes. Em um artigo para os *Ecos da Companhia*, o instrumento de comunicação Internacional das Filhas da Caridade, José Ramón Díaz-Torremocha, o décimo quarto presidente Internacional da Sociedade de São Vicente de Paulo, propôs um assunto de reflexão às Filhas da Caridade, mas que pode se aplicar à Família Vicentina como um todo; ele escreveu:

“Proponho-lhes meditar sobre esta questão: nossa época é muito diferente da de Irmã Rosalie Rendu? Sinceramente, creio que a resposta é ao mesmo tempo sim e não. Os sofrimentos são outros, bem como as causas da dor. Mas o homem continua o mesmo e tem necessidade da mesma atenção e do mesmo amor por parte dos seus irmãos [e irmãs] ...

Encontraremos novamente hoje outras “mães” dispostas a crer, a criar e a colaborar na formação de grupos de leigos a serviço dos pobres, capazes de empurrá-los para que voem com suas próprias asas respeitando e aprofundando a necessidade da sua independência? ‘Sim’, responderão algumas de vocês, como fez um dia Irmã Rosalie. O serviço para a Igreja dos pobres bem o merece”³⁵.

A convergência providencial dos destinos de Vicente de Paulo, de Luísa de Marillac e dos membros fundadores das Damas da Caridade transformou o rosto da caridade na França do século XVII e foi muito mais além; o encontro providencial de Irmã Rosalie, Frederico Ozanam, Emmanuel Bailly, Jean-Léon Le Prevost, Armand de Melun e os demais membros fundadores da Sociedade de São Vicente de Paulo marcou para sempre o serviço aos mais necessitados do século XIX e continua ainda hoje nos cinco continentes. A Família Vicentina que fez seus primeiros passos em 1617 em Châtillon, um pequeno vilarejo no sudoeste da França, continuou seu caminho até as extremidades da terra para realizar o sonho de Ozanam de “reunir o mundo em uma rede de caridade”. Irmã Rosalie foi e continua a ser uma figura colossal nesta realização.

Irmã Louise SULLIVAN
Filha da Caridade

Notas:

¹ Bento XVI, Carta Encíclica do Soberano Pontífice Bento XVI *Deus é Amor - Deus caritas est*, aos Bispos, padres, diáconos e pessoas consagradas e a todos os fiéis no amor de cristão, nº 1.

² *Homilia do Papa durante a Missa de “Beatificação de Frederico Ozanam”*, à Notre Dame de Paris, no dia 22 de agosto de 1997, Paris, 1997.

³ Carta de Frederico Ozanam a François Lallier, de 17 de maio de 1838, *Cartas de Frederico Ozanam*, vol. I, 267.

⁴ Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, *Frederico Ozanam, Positio*, XXIV.

⁵ Henri-Dominique Lacordaire, *Notice et panégyrique sur Ozanam* (Paris, 1872), pp. 223-224.

⁶ Citado por Marcel Vincent em *Ozanam, uma juventude romântica*, Paris, 1994, pp. 275-276.

⁷ Armand de Melun, *Vida da Irmã Rosalie, Filha da Caridade*, 13ª edição (Paris, 1929), pp. 119-120.

⁸ SVP, Coste, XI, p. 32.

⁹ Melun, *Vida da Irmã Rosalie*, pp. 99-100.

¹⁰ “A origem d Sociedade” em *Manual da Sociedade de São Vicente de Paulo* (Paris, 1845), p. 185.

¹¹ Melun, *Vida da Irmã Rosalie*, 123-124.

¹² Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, *Rendu, Positio; Sumário*, 63.

¹³ Georges-Albert Boissinot, S.V., *Um outro Vicente de Paulo: Jean-Léon Le Prevost (1803-1874)* (Montréal, 1991), 105.

¹⁴ Carta de Frederico Ozanam a Ernest Falconnnet, de 21 de julho de 1834, *Cartas de Frederico Ozanam* 3 vols. (Paris, 1925) vol. I, p.110.

¹⁵ Paul Droulers, S.J., *Política social e cristianismo* (Paris, 1969), pp. 24-25.

¹⁶ Carta de Frederico Ozanam a Joseph-Théophile Foisset, de 22 de fevereiro de 1848, *Cartas de Frederico Ozanam* 3 vols. (Paris, 1978), vol. II, p. 379.

¹⁷ Carta de Frederico Ozanam a Léonce Curnier, de 3 de novembro de 1834, *Ibid.*, Vol. I, p. 123.

¹⁸ Carta de Frederico Ozanam a Emmanuel Bailly, de 3 de novembro de 1834, *Ibid.*

¹⁹ *Regulamento de 1835*, artigo I (Paris, 1835), p.38.

²⁰ *Trechos da Ata da Primeira Conferência (1833-1835)*, ASSVP, Registre 101.

²¹ Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, *Rendu, Positio*, pp.165-166.

²² Carta de Frederico Ozanam a Léonce Curnier, de 3 de novembro de 1834, *Cartas de Frederico Ozanam* 3 vols. (Paris, 1978), Vol. I, p. 152.

²³ *Boletim da Sociedade de São Vicente de Paulo*, vol. 1 (1849), 250-252.

²⁴ Melun, *Vida da Irmã Rosalie*, 160-161.

²⁵ Carta da Irmã Rosalie ao Pároco de Confort, de 16 de agosto de 1854, AFCP, 8J2 – Ro – Le 278-La. 30.

²⁶ Carta de Frederico Ozanam a Louis Janmot, de 13 de novembro de 1836, *Cartas de Frederico Ozanam* 3 vols. (Paris, 1925), vol. I, pp. 200-201.

²⁷ *Trechos da Ata da Primeira Conferência (1833-1835)*, ASSVP, Registre 101.

²⁸ *Ibid.*

²⁹ *Ibid.*

³⁰ Carta de Frederico Ozanam a François Lallier, de 17 de maio de 1838, *Cartas de Frederico Ozanam* 3 vols. (Paris, 1925), vol. I, p. 266.

³¹ Georges-Albert Boissinot, « *Um outro Vicente de Paulo: Jean-Léon Le Prevost (1803-1874)* (Montréal, 1991), p. 247

³² *Regulamento da Sociedade de São Vicente de Paulo* (Paris, Imprimei de E-J Bailly e Compagnie, 1835), 27.

³³ *Ibid.*, 28.

³⁴ *Ibid.*, 27-38.

³⁵ José Ramón Díaz-Torremocha, “Atualidade da Sociedade de São Vicente de Paulo”, em *Ecos da Companhia*, 4 (julho-agosto de 2004), página 309.